



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Ciência da Informação
Curso de Graduação em Biblioteconomia

CRISTINA FONSECA GONÇALVES

EXPERIÊNCIAS DE USO DO CONSPECTUS:
UM COTEJO DAS ANÁLISES IDENTIFICADAS NA LITERATURA ESTRANGEIRA

Brasília

2018

Cristina Fonseca Gonçalves

EXPERIÊNCIAS DE USO DO CONSPECTUS:
UM COTEJO DAS ANÁLISES IDENTIFICADAS NA LITERATURA ESTRANGEIRA

Monografia apresentada como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília

Orientador: Profa. Dra. Rita de Cássia do Vale Caribé

Brasília

2018

G635e

GONÇALVES, Cristina Fonseca.

Experiências de uso do Conspectus:

Um cotejo das análises identificadas na literatura estrangeira / Cristina Fonseca Gonçalves. – Brasília, 2018.

64f.

Orientação: Profa. Dra. Rita de Cássia do Vale Caribé

Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Curso de Biblioteconomia, 2018.

1. Conspectus. 2. Desenvolvimento de coleções. 3. Avaliação de coleções I. Título.



Título: Experiências de uso do Conspectus: um cotejo das análises identificadas na literatura estrangeira.

Aluna: Cristina Fonseca Gonçalves.

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 28 de novembro de 2018.

Rita de Cássia do Vale Caribé - Orientadora
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da Informação

Rodrigo Rabello da Silva – Membro
Professor da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutor em Ciência da Informação

Marcílio de Brito – Membro
Professor da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutor em Ciências da Informação e da Documentação

Aos meus filhos Sarah, Gabriel e Livia: meu juízo, minha alegria e minha sanidade; meus amores, presentes de Deus na minha vida e razão maior de toda essa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, Autor da minha vida, meu socorro bem presente, meu refúgio em tempos de angústia e força que me capacitou a vencer mais essa importante etapa da minha vida. Ao meu pai Darly, por seu constante incentivo e por acreditar que eu fosse capaz. À minha mãe Ester, por seu sustento em orações pela minha vida e por sua fé inabalável. Aos meus filhos Sarah e Gabriel que, apesar da distância dolorosa que nos separou durante esse tempo, sempre estiveram presentes em meu coração como o meu incentivo maior para a conquista deste objetivo. À minha pequena Lívia, minha companheira de estudo antes e depois de vir ao mundo. Aos meus irmãos Sérgio e Marcelo e todos os familiares e amigos que me incentivaram e se alegraram comigo por alcançar essa vitória. À minha tia Esmeralda, por suas orações diárias. À minha prima Marisa que cuidou com carinho da Lívia para que eu pudesse estagiar na Câmara dos Deputados, lugar onde conheci pessoas incríveis e profissionais de grande competência. À minha supervisora de estágio na Câmara, Paula Nakamura que, com grande paciência e dedicação, me proporcionou aprendizado e me presenteou com sua amizade. Ao meu querido amigo de tantos anos, Júlio César Gomes Fonseca, por contribuir com seu conhecimento estatístico para o enriquecimento deste trabalho. A todos os supervisores de estágio obrigatório das diferentes instituições por onde passei (BCE, IESB e IFB), que dividiram comigo seu conhecimento e me fizeram cada dia mais apaixonada pela profissão. Aos meus colegas tão especiais, que me fizeram chorar de saudade dos meus filhos e por muitas vezes me fizeram rir nos momentos mais inusitados. Aos meus colegas “gigantes”, companheiros de trabalhos e eternos amigos Emanuella Barcellos Luna, Mesaque Vidal, Paola Carolina Polo e Victória Abreu. A cada um dos professores do curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília que compartilharam conosco seu conhecimento, em especial à minha orientadora, professora Rita Caribé, por ser a bibliotecária mais competente que já conheci, uma verdadeira e inquieta “máquina de conhecimento ambulante”. Meu agradecimento, em especial, ao pai da minha filha Lívia, José Vicente que, com grande sacrifício, tornou possível a realização deste sonho.

"Se vi mais longe foi por estar de pé sobre ombros de gigantes." Isaac Newton

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar e cotejar as avaliações identificadas na literatura estrangeira sobre o método *Conspectus* que é utilizado para o desenvolvimento de coleções em bibliotecas e como ele é visto pelos autores. Também apresenta e descreve o método, suas principais divisões, a avaliação qualitativa do acervo, sua força e indicadores de profundidade e idioma e seu gerenciamento. Contém um breve histórico sobre a metodologia que foi desenvolvida nos Estados Unidos, aperfeiçoada e adaptada, e hoje é usada em bibliotecas ao redor do mundo, facilitando a cooperação entre elas. Destaca a necessidade de bibliotecas terem uma política de desenvolvimento de coleções formal e os elementos que a compõem. Por meio da revisão de literatura, elaborada predominantemente com base em textos estrangeiros, identifica e analisa críticas e possíveis problemas decorrentes de sua implementação e uso quanto à confiabilidade e real propósito, e conclui que, apesar de todos os aspectos negativos apontados por diversos autores, o *Conspectus* ainda se mostra um método eficiente para que os bibliotecários tenham total conhecimento de suas coleções, suas forças e aspectos que precisam de maior atenção para aperfeiçoamento.

Palavras-chave: *Conspectus*. Desenvolvimento de coleções. Avaliação de coleções.

ABSTRACT

This paper aims to analyze and compare the evaluations identified in the foreign literature about the *Conspectus* Method which is used to collection development in libraries and how it is seen by the authors. It also presents and describes the method, its main divisions, the qualitative assessment of the collection, its strength and depth indicators, language codes and its management. It contains a brief history about the methodology which was developed in the United States, improved and adapted, and now is used in libraries around the world, facilitating cooperation among them. It also highlights the need for libraries to have a formal collection development policy and the elements that form it. Through the literature review, made predominantly with foreign texts and articles, it identifies and analyzes criticism and possible problems arising from its implementation and use regarding reliability and its real purpose, and concludes that despite all the negative aspects pointed out by several authors, the *Conspectus* is still an efficient method and it helps librarians to have full knowledge of their collections, their strengths and aspects that need greater attention for improvement.

Keywords: *Conspectus*. Collection development. Collection evaluation.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALA	<i>American Library Association</i>
ARIST	<i>Annual Review of Information Science and Technology</i>
ARL	<i>Association of Research Libraries</i>
BRAPCI	Base de Dados em Ciência da Informação
CDD	Classificação Decimal de Dewey
EUA	Estados Unidos da América
IFLA	<i>International Federation of Library Associations</i>
LC	<i>Library of Congress</i>
LISA	<i>Library and Information Science Abstracts</i>
NSC	<i>National Shelflist Count</i>
PNLA	<i>Pacific Northwest Library Association</i>
PNP	<i>Pacific Northwest Project</i>
OCLC	<i>Online Computer Library Center</i>
RLIN	<i>The Research Libraries Information Network</i>
RLG	<i>Research Libraries Group</i>
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
UnB	Universidade de Brasília
WLN	<i>Western Library Network</i>

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	6
RESUMO	8
ABSTRACT	9
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	10
SUMÁRIO.....	11
1 INTRODUÇÃO	12
2 CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO E O REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E JUSTIFICATIVA.....	14
2.2 OBJETIVOS DA PESQUISA	15
2.2.1 Objetivo geral	15
2.2.2 Objetivos específicos	15
3 REVISÃO DE LITERATURA	16
3.1 BREVE HISTÓRICO	16
3.2 POR QUE USAR UMA POLÍTICA DE DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES? 19	
3.3 ELEMENTOS DA POLÍTICA DE DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES	20
3.4 O MÉTODO CONSPECTUS	22
3.5 INDICADORES DE PROFUNDIDADE E IDIOMA DO MÉTODO CONSPECTUS 23	
3.6 CRÍTICAS COM RELAÇÃO AO USO DO MÉTODO CONSPECTUS.....	27
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	43
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	45
6 DISCUSSÃO E CONCLUSÃO.....	53
REFERÊNCIAS	57
ANEXO	59

1 INTRODUÇÃO

Criado na década de 1980 nos Estados Unidos, o Método *Conspectus* foi utilizado como ferramenta de avaliação das coleções e instrumento para apoiar o desenvolvimento de coleções em bibliotecas que pudessem ser usadas de modo cooperativo. Ele funciona como uma sinopse, descrevendo a coleção por meio do uso de indicadores de profundidade e idioma. Os dados coletados servem como base documental e buscam contribuir para futuras avaliações e como parâmetro de comparação para acompanhar a evolução do acervo, proporcionando aos bibliotecários a oportunidade de aperfeiçoar áreas da coleção que precisam aumentar sua força.

Este trabalho consiste em uma revisão de literatura, que se propõe a analisar e interpretar documentos sobre o uso do Método *Conspectus* no desenvolvimento de coleções em bibliotecas, mais especificamente sobre as críticas relativas ao método, identificadas na literatura estrangeira, e se essas críticas afetam suas principais funções.

O item 3.1 contém um breve histórico, contextualizando a criação e evolução do *Conspectus*. Os itens 3.2 e 3.3 apresentam a importância de as bibliotecas possuírem uma política de desenvolvimento de coleções formalizada e o que essa política deve conter. O item 3.4 define e caracteriza o *Conspectus* discorrendo sobre algumas técnicas usadas no momento da avaliação da coleção e etapas a serem seguidas. O item 3.5 apresenta o *Conspectus* com suas principais divisões, força e seus indicadores de profundidade, descrevendo as características de cada nível e os indicadores de idioma, também caracterizando cada um deles.

São abordadas as críticas feitas ao *Conspectus*, no item 3.6, não somente as de cunho positivo, mas as negativas de igual modo, abordando vários aspectos do método. São apresentados vários benefícios decorrentes do uso da ferramenta e que proporcionam um melhor gerenciamento da coleção e muitas funções que lhe foram atribuídas desde a sua criação. Também cita algumas regras e orientações de uso da ferramenta. Os aspectos negativos abordam áreas como a natureza subjetiva do método, a validade e interpretação dos dados coletados. Todas essas informações levam também a uma reflexão sobre a qualidade, postura e ética do profissional bibliotecário.

No item 5 as críticas são apresentadas em ordem cronológica e analisadas, fazendo-se uma divisão das mesmas por área temática sendo elas: instrumento de planejamento, subjetividade do método, regras e orientação de uso, indicadores de idioma e intensidade, matematização, benefícios, profissionais e problemas do uso do *Conspectus*. O item 6

apresenta uma visão geral do trabalho e faz uma reflexão sobre as críticas analisadas no item anterior.

Por fim, conclui que, o fato de atribuírem ao *Conspectus* pontos negativos, não o desmerece como ferramenta de grande utilidade no desenvolvimento de coleções e no seu gerenciamento, no trabalho de cooperação entre as bibliotecas e no que talvez seja o maior legado do *Conspectus*: o conhecimento que o bibliotecário passa a ter de sua coleção, suas forças e fraquezas.

2 CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO E O REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E JUSTIFICATIVA

O Método *Conspectus* foi criado na década de 1980, nos Estados Unidos, quando os recursos financeiros naquele país se tornaram escassos, o que resultou na necessidade de aquisição planejada e cooperativa entre as diversas bibliotecas. Entretanto, esse método ganhou força e passou a ser utilizado como instrumento de apoio ao processo gerencial de diversas bibliotecas. Assim, tem sido usado em bibliotecas de diferentes países há mais de três décadas e muitas delas são instituições, não só de grande porte, mas também de grande importância dentro das comunidades em que estão inseridas.

O *Conspectus* é um método de uso relativamente recente no Brasil. Sua implantação no país data de 2010 e ele tem sido utilizado por bibliotecas de destaque, como, por exemplo, a biblioteca Pedro Aleixo, da Câmara dos Deputados e a biblioteca Professor Alysson Darowish Mitraud, do Tribunal Superior Eleitoral (ver Anexo B para exemplo de utilização do *Conspectus* pela biblioteca), entre outras. No entanto, há enorme carência de material publicado, em português, sobre o *Conspectus*. Não há material no Brasil que identifique e analise as críticas abordadas na literatura estrangeira até o presente. E também não há material que analise criticamente o desempenho do *Conspectus* nas bibliotecas brasileiras onde é utilizado.

É importante ressaltar que o método vem sendo utilizado há quase 40 anos em vários países do mundo e várias críticas têm sido feitas, algumas delas, há mais de 30 anos. Ao longo dos anos, embora diversos textos apresentem as vantagens e benefícios da aplicação do método, discussões têm sido levantadas quanto ao seu uso e vários autores apontaram aspectos negativos, sugerindo que o *Conspectus* pode não ser uma ferramenta totalmente confiável ou eficaz e que, muitas vezes, sua implementação e utilização seguem apenas interesses políticos, podendo, inclusive, mostrar a realidade de uma determinada coleção de maneira distorcida em detrimento de tais interesses.

Desse modo, a realização desta pesquisa tornou-se oportuna e necessária. O presente trabalho vem também sugerir que mais discussões, estudos e análises de experiências de uso sobre o método *Conspectus* sejam realizados no Brasil, seja para identificar e analisar falhas no uso do método em bibliotecas brasileiras ou para ressaltar as vantagens e benefícios trazidos por sua implementação e uso.

Diante desta realidade, surge a indagação: quais são os aspectos negativos e críticas apresentadas na literatura sobre o método *Conspectus* e como ele é visto pelos autores?

2.2 OBJETIVOS DA PESQUISA

2.2.1 Objetivo geral

Analisar e cotejar as avaliações, identificadas na literatura estrangeira, relativas ao método *Conspectus*.

2.2.2 Objetivos específicos

- Apresentar e descrever o Método *Conspectus*: histórico de criação, seus objetivos, indicadores de profundidade e idioma.
- Analisar e cotejar as críticas feitas à implantação e uso do *Conspectus* a partir da literatura estrangeira.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Na literatura brasileira, foram encontrados dois trabalhos tendo o *Conspectus* como tema: um artigo elaborado pela Câmara dos Deputados e apresentado no XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação em 2011, intitulado “*A nova política de Desenvolvimento de Coleções da Biblioteca da Câmara dos Deputados: adaptações da metodologia conspectus*”, por Elzuíla Maria Bastos, que relata o processo de atualização da política de desenvolvimento de coleções da biblioteca Pedro Aleixo da Câmara dos Deputados, baseado na adaptação da metodologia *Conspectus*; um artigo escrito pela professora Rita Caribé, intitulado “*Conspectus: um método para o gerenciamento de coleções em bibliotecas*” de 2014, em que a autora abre caminho e sugere novos estudos sobre o Método *Conspectus*, as vantagens e desvantagens de seu uso, o que se tornou inspiração para o presente trabalho.

Foram consultadas bases de dados que estão especificadas na metodologia, as quais tratam de temas relacionados à Ciência da Informação, e alguns artigos referenciados neste trabalho têm como fonte alguns volumes dos periódicos *The Journal of Academic Librarianship* e *Collection Management* encontrados na Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE).

Quanto à literatura estrangeira, nem todos os artigos recuperados nas pesquisas tratavam do assunto apresentado neste trabalho. Foram analisados apenas alguns dentre os documentos recuperados, dando-se preferência aos de língua inglesa em razão de sua universalidade. Foram utilizados neste trabalho documentos publicados pela *International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA)* e *Online Computer Library Center (OCLC)*, que descrevem como essa metodologia é aplicada. Foi feita tradução livre das citações deste trabalho.

3.1 BREVE HISTÓRICO DO MÉTODO CONSPECTUS

Na década de 1970, as bibliotecas (principalmente as universitárias) dos Estados Unidos, passaram a ter maior preocupação com a qualidade de seus acervos, diante da “explosão de informação”, dos níveis decrescentes de apoio financeiro, da corrida por espaço, do problema da preservação e da proliferação de formatos (MUNROE; STEEG, 2004).

Os bibliotecários começaram a perceber que era necessária uma seleção mais criteriosa de seus itens para que seus usuários pudessem ter acesso aos materiais certos e uma avaliação

para descarte mais sistemática e regular. “A precisão, a confiabilidade e a adequação das informações se tornaram um fator importante nas discussões sobre coleções de qualidade” (BUSHING, 2001). Bushing também aponta para outro aspecto importante que passou a ser relevante para os bibliotecários: o desenvolvimento cooperativo de coleções; ter acesso a materiais que, de alguma forma, complementassem seu acervo. E, para tal, os bibliotecários precisavam ter uma melhor noção do escopo, ênfase, pontos fortes e pontos fracos de suas coleções. Era necessário criar um padrão para avaliação dos acervos e comunicação entre as bibliotecas.

Em 1974, faziam parte da *Research Libraries Group* (RLG) bibliotecas de quatro instituições (Columbia, Harvard, Yale e a pública de New York). Em 1978, além das instituições que já faziam parte, outras foram agregadas (Cornell, Chicago, Princeton, Stanford e a *Library of Congress*) e participando de uma apresentação de John Finzi da LC, perceberam que nenhuma biblioteca poderia adquirir todas as publicações mundiais. Finzi chamou a atenção para que um plano nacional fosse criado, distribuindo as responsabilidades do desenvolvimento de coleções (FERGUSON; GRANT; RUTSTEIN, 1988, p. 198).

Em 1979, a *American Library Association* (ALA) publicou o *Guidelines for Collection Development*, como um primeiro passo para o preenchimento dessa lacuna de padronização. Caribé (2014, p. 41-42) pontua que neste trabalho foram definidos cinco níveis que poderiam ser aplicados às coleções, determinando assim sua densidade (*collection density*) e sua intensidade (*collection intensity*):

- A - Nível abrangente (*Comprehensive Level*)
- B - Nível de pesquisa (*Research Level*)
- C - Nível de estudo (*Study Level*)
- D - Nível básico (*Basic Level*)
- E - Nível mínimo (*Minimal Level*)

O método *Conspectus* foi criado na década de 1980, nos Estados Unidos, pela *Research Libraries Group* (RLG), depois de várias discussões sobre o assunto para o desenvolvimento, avaliação e gerenciamento de coleções em bibliotecas ao redor do mundo. Foi tomado como base o trabalho desenvolvido pela ALA, tendo ele sido aperfeiçoado pelo grupo de bibliotecas: a ordem dos níveis foi invertida e um novo nível foi acrescentado (*out-of-scope*, fora do escopo) (CARIBÉ, 2014, p. 42).

O processo de escolha e avaliação de novos itens para acervos já era feito há muitos anos pelas bibliotecas. Nos Estados Unidos, a prática de avaliação de coleções em bibliotecas

públicas se iniciou na década de 1930 (BUSHING, 2001). Cada biblioteca adotava critérios de seleção para que determinado item permanecesse ou fosse descartado, de acordo com sua relevância dentro do objetivo proposto pela unidade informacional e sua área temática.

Essas escolhas e avaliações receberam diversos nomes ao longo do tempo: processo de seleção (em 1920), desenvolvimento de coleções (1960 e 1970) e gerenciamento de coleções (1980) (CARIBÉ, 2014, p. 40).

Em 1982, o RLG *Conspectus Online* (seu conceito e infra-estrutura) foi introduzido como resultado do esforço conjunto de seus membros para uso em coleções de bibliotecas de pesquisa. Ele foi criado como resultado de pesquisas realizadas usando como base o esquema de classificação da *Library of Congress* (ONLINE COMPUTER LIBRARY CENTER, 2018). O surgimento do *Conspectus* possibilitou às bibliotecas o uso de uma linguagem comum por meio da qual elas descrevem suas coleções e seus respectivos níveis. Os níveis funcionam como metas que orientam a política de desenvolvimento de coleções. Assim, qualquer alteração de recursos, seja orçamentária ou de capital humano, pode demandar que ajustes sejam feitos de modo a alcançar essas metas (LIBRARY OF CONGRESS, 201?). Logo, o método passou a ser adaptado e adotado por várias bibliotecas nos Estados Unidos e ao redor do mundo.

Como descrito por Ferguson (1988, p. 198), o *Conspectus* é uma avaliação que indica a profundidade (intensidade) da coleção anteriormente existente e da coleção atual. Ele tem como base as mais de 7.000 classes do sistema de classificação da LC.

O grupo de bibliotecas que formava o *Pacific Northwest Project* (PNP) também contribuiu com sugestões de modificações para adaptar o método ao uso em bibliotecas de menor porte: uso com a Classificação Decimal de Dewey (CDD), criação de uma base de dados com todas as categorias de assunto e a possibilidade de ampliação dos níveis com a criação de subdivisões (CARIBÉ, 2014, p. 43).

Ao se consolidar como ferramenta útil e estável para o gerenciamento de coleções, o método *Conspectus* ganhou, ao longo do tempo, manuais detalhados e novas edições. A estrutura de direitos autorais, bases de dados e produtos relacionados ficaram a cargo da *Western Library Network* (WLN) que teria a competência necessária para prover treinamento especializado e assistência com o *Conspectus* (BUSHING, 2001).

Em 1999, quando a WLN passou a fazer parte da OCLC (*Online Computer Library Center*), o *Conspectus* deu mais um passo no seu desenvolvimento evolucionário. A análise das coleções passou a ser automatizada, feita por meio dos registros MARC (*Machine Readable Catalogue*).

3.2 POR QUE USAR UMA POLÍTICA DE DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES?

Segundo Biblarz (*et al.*, 2001, p.1-2), uma política de desenvolvimento de coleções funciona como um “molde”, um conjunto de parâmetros que são usados pelos bibliotecários, que os “força” a considerar os objetivos da biblioteca como organização a longo e curto prazos, e as prioridades inerentes a cada atividade. Além disso, um dos principais objetivos de uma política de desenvolvimento de coleções é prevenir que a biblioteca se deixe levar por eventos, “modismos” ou que seja afetada por entusiasmos pessoais no momento de aquisição de itens, os quais podem não estar de acordo com a missão ou objetivos da instituição. Assim sendo, os primeiros elementos de uma política de desenvolvimento devem ser a missão da biblioteca, o propósito da política e o público a que se destina.

Segundo o guia elaborado pela IFLA, as principais razões para se adotar uma política de desenvolvimento de coleções são:

1 – Seleção: provê direção aos bibliotecários para selecionar e descartar itens da coleção, evita que decisões com motivações pessoais sejam feitas ou baseadas em modismos e que não se encaixem com a missão da biblioteca e identifica possíveis lacunas na responsabilidade do desenvolvimento da coleção. Assim, garante continuidade ao trabalho e consistência na seleção e avaliação.

2 – Planejamento: é um alicerce sólido para planejamentos futuros, pois identifica prioridades, especialmente quando a verba da instituição se torna limitada. Garante continuidade e evita confusões. Envolve o conhecimento das forças da coleção já existente e obriga o bibliotecário a refletir sobre os reais objetivos da biblioteca. Também auxilia outras atividades como catalogação, preservação e armazenamento com estratégias coerentes e suporte de serviços de leitores.

3 – Relações públicas: políticas formais podem ser úteis para justificar ações da biblioteca ao lidar com usuários, administradores e órgãos de financiamento. Uma política funciona como um contrato entre a biblioteca e seus usuários. Como instituição, mostra o que pode ser esperado da biblioteca, tanto em forma de coleções quanto de serviços. Permite que decisões de seleção individual sejam justificadas com base em um padrão pré-estabelecido. Demonstra confiabilidade e comprometimento com os objetivos da instituição.

4 – Contexto mais amplo: Uma política de desenvolvimento por escrito serve como base para cooperação entre bibliotecas, compartilhamento de acervo, tanto de uma localidade,

como de uma região, país e até mesmo internacionalmente. As bibliotecas não são organismos capazes de prover todos os serviços demandados pelos usuários, por isso a cooperação tem se tornado cada vez mais comum, graças também ao avanço tecnológico. Para que essa cooperação funcione bem é necessário que haja conhecimento mútuo e concordância quanto ao que cada biblioteca tem em seu acervo.

3.3 ELEMENTOS DA POLÍTICA DE DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES

Os elementos de uma política de desenvolvimento de coleções de acordo com o guia da IFLA são:

- **Introdução**, onde deve constar uma declaração da missão da biblioteca, o propósito da política e seu público alvo. Além disso, Biblarz (*et al.*, 2001, p. 2) ressalta que ela deve também conter breves declarações sobre a comunidade a que serve ou grupo de usuários, ter a descrição dos tipos de programas que fazem uso da coleção, o tamanho da coleção (incluindo informações sobre número de periódicos, volumes monográficos, recursos eletrônicos e línguas representadas), conter orçamento de gastos e acordos cooperativos.
- **Declarações gerais**, que são características que determinam a direção do desenvolvimento de coleções, como, foco no acervo presente ou em aquisições passadas, os tipos de recursos (monografias, periódicos, teses, literatura cinzenta, mapas, etc.), idiomas, formatos, fontes especiais de financiamento (como por exemplo, doações), manutenção (seleção, descarte e preservação) e tamanho da coleção. Também como lidar com reclamações dos usuários, áreas ou assuntos que não são intencionalmente parte da coleção.
- **Declarações narrativas** que devem ser únicas, espelhando a biblioteca como organismo único dentro da comunidade a que serve. Declarações de assuntos ou formatos especiais (e quais formatos não fazem parte), escopo de cobertura da coleção (idioma, áreas geográficas, cronologia em termos de conteúdo intelectual, datas de publicação ou períodos excluídos). Os assuntos devem ser descritos usando-se o sistema de classificação da biblioteca ou descritores de assunto. Responsável pelo setor ou pela coleção e qualquer outra informação relevante, como relacionamentos interdisciplinares, relacionamentos de consórcio, políticas de acesso a informação.

- **Perfil de assunto**, baseado na avaliação da coleção e necessidade de atualização periódica para mostrar o progresso em direção aos objetivos ou qualquer revisão necessária devido a prováveis mudanças. Neste caso são usados os relatórios *conspectus*, que mostram a força e intensidade da coleção (organizado por assunto, esquema de classificação ou uma combinação de ambos). Contém também um padrão de códigos dos níveis da coleção e idiomas dos itens da coleção.
- **Métodos de avaliação da coleção** onde são descritos os processos e técnicas para a coleta de dados sobre a coleção (sua força e profundidade) para que ela seja avaliada. Tais técnicas são divididas em dois grupos, sendo um deles focado na coleção e o outro em seus usuários.

Técnicas focadas na coleção examinam o conteúdo e características dos recursos de informação para determinar o tamanho, idade, escopo e profundidade da coleção em comparação a um padrão externo. Técnicas focadas no usuário descrevem como a coleção é usada e indica a efetividade da coleção quanto ao uso. A avaliação da coleção provavelmente é mais precisa e produz resultados mais úteis quando as técnicas de coleção e usuário são combinadas juntamente com os resultados quantitativos e qualitativos, são usadas na coleta de dados e processo de descrição (BIBLARZ, *et al.*, 2001, p.4, tradução livre).

As medidas quantitativas são usadas para determinar o tamanho, idade, uso, custos ou outro dado numérico. Medidas qualitativas são baseadas em avaliações subjetivas e dependem do julgamento profissional dos bibliotecários, do parecer de especialistas ou da opinião de usuários (condições do acervo, caráter e adequação de seções da coleção).

- **Indicadores de Profundidade da coleção** que são valores numéricos atribuídos para descrever as atividades e objetivos da coleção da biblioteca. São eles o 0 (fora de escopo), 1 (nível de informação mínimo), 2 (nível de informação básico), 3 (nível de estudo ou instrutivo), 4 (nível de pesquisa) e 5 (nível abrangente). São levados em consideração três aspectos: o nível presente, o compromisso de aquisição e o objetivo da coleção.
- **Códigos de idioma (RLG)** que são: E (materiais em língua inglesa predominam), F (material selecionado de língua estrangeira faz parte da coleção, além do inglês), W (vasta seleção de materiais em todos os idiomas), Y (o material é principalmente em língua estrangeira).
- **Códigos de idioma (WLN)** que são: P (língua vernácula predomina), S (material selecionado de outra língua que não a vernácula), W (vasta seleção de várias línguas representadas) e X (material predominante em outra língua que não a vernácula).

- **Implementação da política e cronogramas de revisão** que descreve o processo de implementação, cronograma para revisão ou outra medida oficial necessária, dando uma ideia de controle.

Uma observação relevante feita no guia da IFLA lembra que, algo que tem se tornado muito comum nos dias atuais é a quantidade, cada vez maior, de recursos eletrônicos e sua importância dentro das bibliotecas, o que também tem consumido grande parte do orçamento. Decisões relacionadas a fontes de informação eletrônicas também devem ser descritas de modo explícito na política de desenvolvimento de coleções, ou até mesmo ter uma política própria em separado.

3.4 O MÉTODO CONSPECTUS

De acordo com o *Merriam-Webster Online Dictionary* (2018), a palavra *conspectus* em inglês, significa “sinopse, resumo, uma pesquisa ou resumo, geralmente breve (como de um assunto extenso) geralmente fornecendo uma visão geral”. O termo vem do latim *conspicere* (particípio passado), que significa observar, ver. O termo descreve perfeitamente a essência dessa metodologia.

O método *Conspectus* é “um levantamento sistemático de uma coleção, organizado por assunto e que provê uma linha de base para futuras decisões de gerenciamento” (BUSHING, 2006). “*Conspectus* é uma visão geral ou um resumo da força e intensidade da coleção - organizada por assunto, esquema de classificação ou combinação de ambos, contendo códigos padronizados para a coleção ou níveis e idiomas dos materiais colecionados” (BIBLARZ, *et al.*, 2001, p. 3). E assim, “como a maioria das boas ferramentas e tecnologias é flexível, adaptável, personalizável e fácil de usar” (BUSHING, 2001). Ainda segundo Bushing (2001), pode ser usado em diferentes tipos de bibliotecas, independentemente do país ou língua, podendo ser utilizado em bibliotecas cujo sistema de classificação seja CDD (Classificação Decimal de Dewey), CDU (Classificação Decimal Universal), Classificação da *Library of Congress* ou outras similares. Pode, também, ser usado tanto para assuntos das grandes áreas, assim como níveis mais específicos, sendo também adaptável a diferentes necessidades e projetos das bibliotecas.

Sendo o *Conspectus* uma “sinopse” da coleção de uma biblioteca, as informações necessárias devem preencher as divisões em grandes áreas temáticas constantes na metodologia (24 áreas temáticas pela IFLA, *International Federation of Library Associations*, e que foram transformadas em 32 pela OCLC – ver Anexo A), suas categorias (mais de 500

sub-áreas temáticas) e assuntos (7000 descritores atualmente) (BIBLARZ, *et al.*, 2001, p.3; CARIBÉ, 2014, p.45; *ONLINE COMPUTER LIBRARY CENTER*, 2007, p. 1:4).

A avaliação então é feita seguindo-se algumas etapas, que envolvem planejamento, coleta de dados, a atribuição de indicadores de profundidade e idioma. A informação coletada é usada para o gerenciamento dos recursos da biblioteca e para tomada de decisões (BIBLARZ, *et al.*, 2001, p. 3).

Biblarz (*et al.*, 2001, p. 4) elenca que algumas técnicas utilizadas durante a avaliação são de grande importância, enquanto outras dependem de certas circunstâncias e cabe ao responsável a decisão de como utilizá-las. Essa decisão deve ser tomada levando-se em consideração quais dados estão disponíveis, a quantidade de pessoal, o tipo de suporte dos materiais e os objetivos da instituição. Essas técnicas podem ser focadas na coleção ou nos usuários. O foco na coleção avalia o conteúdo e características da coleção (tamanho, idade, escopo e profundidade). Por sua vez, o foco no usuário avalia como é feito o uso da coleção e sua eficácia. Vale ressaltar que os resultados são mais precisos quando se usa as duas abordagens em combinação, incluindo resultados quantitativos (com dados numéricos: tamanho, idade, uso, custos) e qualitativos (avaliação subjetiva pelo julgamento profissional de bibliotecários, avaliação de especialistas dos assuntos e opinião de usuários).

A política de implementação descreve como se dá o processo e há também um cronograma para revisão e outras medidas oficiais para melhor controle. É necessário checar a política com frequência para que ajustes necessários sejam feitos de acordo com novas necessidades, mudanças e para que sejam detectadas insuficiências.

3.5 INDICADORES DE PROFUNDIDADE E IDIOMA DO MÉTODO CONSPECTUS

Os indicadores de profundidade são valores numéricos usados para descrever os objetivos e atividades relacionadas ao desenvolvimento da coleção de uma biblioteca. Três aspectos do gerenciamento da coleção são considerados: o nível atual da coleção, compromisso de aquisição e o objetivo da coleção (BIBLARZ *et al.*, 2001, p. 4).

A princípio, foram incluídos pela RLG os níveis 0, 1, 2, 3, 4 e 5. Posteriormente, o *Pacific Northwest Library Association* (PNLA), cujos membros mais tarde formaram o grupo WLN, incluiu as subdivisões 1a, 1b, 2a, 2b, 3a, 3b, 3c, que atenderiam melhor bibliotecas com acervos menores. Os níveis contêm as características dos níveis anteriores num processo

cumulativo, assim, o que é classificado como 3c, por exemplo, possui características de todos os níveis anteriores a ele (CARIBÉ, 2014, p. 46).

Os níveis dos indicadores de profundidade descritos no guia da IFLA são:

Nível 0 (zero) – fora de abrangência (*out of scope*): a biblioteca não possui itens sobre determinados assuntos que estão fora de sua temática. Essa informação pode ser repassada aos usuários e facilita o empréstimo e intercâmbio entre bibliotecas.

Nível 1 (um) – nível mínimo de informação (*minimal information level*): coleções limitadas que atendem demandas num nível básico e elementar (fontes gerais que incluem monografias e obras de referência). Devem ser sempre atualizadas, mantendo-se apenas material clássico ou retrospectivo.

Nível 1a – nível mínimo de informação, cobertura desigual (*uneven coverage*): poucos itens, representação pouco metódica e não sistemática.

Nível 1b – nível mínimo de informação, cobertura focada (*focused coverage*): poucos itens, mas com representação sistemática, incluindo autores básicos, trabalhos clássicos e básicos.

Nível 2 (dois) – nível básico de informação (*basic information level*): os itens introduzem e definem assuntos, indicando as variedades de informação disponíveis em outros locais. Cobrem necessidades gerais dos usuários, e daqueles que estão nos primeiros dois anos de graduação e já possuem certo nível educacional (coleção limitada de monografias, obras de referência e periódicos em geral). Acesso limitado a bibliografias, bancos de dados, textos e periódicos. A coleção deve ser atualizada periodicamente. Material clássico ou retrospectivo deve ser mantido.

Nível 2a – nível básico de informação, introdutório (*basic information level, introductory*): nível introdutório da área temática (monografias, obras de referência, com trabalhos mais básicos, que dêem uma visão ampla da área, personagens importantes, índices de periódicos e fontes estatísticas). Atende usuários com demandas em geral e alunos do ensino médio.

Nível 2b – nível básico de informação, avançado (*basic information level, advanced*): atende ao público em geral e estudantes dos dois primeiros anos de graduação (periódicos gerais, maior número de monografias introdutórias e obras de referência, personagens relevantes dentro da área temática). Permite acesso limitado a recursos eletrônicos de textos, periódicos e bancos de dados.

Nível 3 (três) – nível de apoio instrucional ou estudo (*study or instructional support level*): coleções com informações mais sistemáticas atendendo as necessidades de usuários em

geral e alunos dos primeiros anos de graduação (extensa coleção de monografias e obras de referência gerais e especializadas, grande número de periódicos gerais e uma coleção razoável de periódicos especializados; coleções limitadas em outros idiomas para aprendizagem da língua; extensa coleção de autores conhecidos e seleção de outros itens de autores menos conhecidos). Acesso à ampla coleção de recursos eletrônicos próprios ou remotos, incluindo biografias, textos, bancos de dados, periódicos, etc. A coleção deve ser revisada sistematicamente para que seja garantida atualização e permanência de informação relevante (material clássico ou retrospectivo).

Nível 3a – estudo básico ou nível de apoio instrucional (*basic study or instructional support level*): comunicam e mantêm conhecimentos sobre os temas primários de uma área de assunto (trabalhos básicos, grande número de monografias gerais e obras de referência, periódicos gerais, índices e resumos). Material de outros idiomas para aprendizagem da língua, trabalhos de autores conhecidos e acesso definido para recursos eletrônicos. Alunos de graduação e educação continuada.

Nível 3b – estudo intermediário ou nível de apoio instrucional (*intermediate study or instructional support level*): atende a demandas de áreas mais especializadas (semestres mais avançados de graduação) com cobertura mais abrangente do assunto, amplitude e profundidade, o que demanda uma coleção com muitos itens importantes de literatura, além dos trabalhos básicos (grande coleção de monografias e obras de referência básicas e especializadas, periódicos gerais e especializados, índices e resumos). Materiais em outro idioma e amplo acesso a recursos eletrônicos.

Nível 3c – estudo avançado ou nível de apoio instrucional (*advanced study or instructional support level*): atende as demandas de alunos de mestrado e especialização. Sua coleção possui itens que abrangem toda a área temática (grande número de trabalhos básicos e especializados, de autores conhecidos ou não, monografias e obras de referência gerais e especializadas, periódicos gerais e especializados, índices e resumos). Possui material em outros idiomas e acesso a recursos eletrônicos bem amplo.

Nível 4 (quatro) – nível de pesquisa (*research level*): atende alunos de doutorado e pesquisas independentes. Sua coleção possui grande número de monografias e obras de referência gerais e especializadas, periódicos gerais e especializados, grande quantidade de materiais em outros idiomas e trabalhos de autores conhecidos ou não. Amplo acesso aos recursos eletrônicos (bibliografias, textos, bancos de dados e periódicos). Os itens mais antigos devem permanecer no acervo para atender a pesquisas históricas.

Nível 5 (cinco) – nível abrangente (*comprehensive level*): coleções que abrangem toda a área temática de modo exaustivo em todos os idiomas aplicáveis (coleção exaustiva de materiais publicados, manuscritos e em vários formatos). Os itens mais antigos são preservados para pesquisa histórica. Uma coleção com tal perfil atende tanto demandas nacionais como internacionais.

Os indicadores de idioma foram introduzidos no RLG *Conspectus* e através deles é possível identificar o nível do indicador da coleção. A WLN também possui indicadores de idioma, bem similares aos do RLG *Conspectus*. Segundo Caribé (2014, p. 51), “a cobertura de idioma qualifica e reforça os níveis da coleção”. Assim, além do idioma nativo ou primário, a presença de outros idiomas é muito importante para a qualificação de coleções dos níveis 3, 4 e 5.

Os indicadores de idioma são:

Quadro 1 – Indicadores de idioma

Indicadores do RLG		Indicadores do WLN	
E (<i>English</i>)	Materiais em inglês, pouco ou nenhum material em outros idiomas.	P (<i>primary</i>)	Materiais no idioma vernáculo, pouco ou nenhum material em outros idiomas
F (<i>foreign</i>)	Diversos materiais em outros idiomas além do inglês.	S (<i>selected</i>)	Seleção de materiais em outros idiomas além do vernáculo.
W (<i>wide</i>)	Vasta seleção de materiais em todos os idiomas aplicáveis. Não há restrição de materiais devido ao idioma.	W (<i>wide</i>)	Ampla seleção de itens em outros idiomas.
Y	Materiais focados em outros idiomas primeiramente e em idioma vernáculo de acordo com área temática.	X	Materiais predominantemente em idioma estrangeiro.

Fonte: Biblarz, *et al.* (2001, p. 4 e 5); Caribé (2014, p. 52).

Algumas adaptações são necessárias de acordo com o país onde se encontra a biblioteca, uma vez que em alguns, há dois idiomas oficiais, como é o caso do Canadá, que possui os idiomas francês e inglês como oficiais. Nesse caso é sugerido o uso do indicador D (*dual*), que indica a existência de dois idiomas primários e poucos itens ou ausência deles em

outro idioma (CARIBÉ, 2014, p.53). Cada biblioteca, no entanto, deve fazer checagens periódicas em sua política de desenvolvimento para identificar insuficiências e integrar novas necessidades ou modificações recentes como corte de orçamento, novo currículo, etc (BIBLARZ, *et al.*, 2001, p. 5).

3.6 CRÍTICAS COM RELAÇÃO AO USO DO MÉTODO CONSPECTUS

O *Conspectus* surgiu como uma ferramenta de cunho colaborativo, capacitando as bibliotecas de pesquisa norte-americanas a proverem uma melhor cobertura de assuntos, permitindo que bibliotecas individuais determinassem quais assuntos estavam sendo cobertos de maneira adequada para propósitos de pesquisa e quais áreas precisavam de cobertura adicional. Desse modo, O RLG *Conspectus* forneceu meios para que os profissionais responsáveis pela seleção de itens direcionassem fundos para as áreas mais fracas, ao invés de terem acervos duplicados desnecessariamente (FERGUSON; GRANT; RUTSTEIN, 1988, p. 198).

Munroe e Steeg (2004, p.181, 189) realizaram entrevista (voluntária) com treze bibliotecários experientes, não somente quanto ao uso do método *Conspectus*, mas também quanto ao processo de tomada de decisão decorrente das avaliações feitas. Alguns dos entrevistados também já haviam trabalhado como instrutores do método e participado de diversos tipos de projetos com o *Conspectus*. Os participantes vieram de diferentes tipos de instituições: instituições acadêmicas estaduais e universidades particulares de grande porte, bibliotecas públicas e bibliotecas acadêmicas de médio porte. Não participaram representantes de bibliotecas acadêmicas particulares de pequeno porte. Em função dos resultados alcançados, as autoras levantam uma questão: uma vez que todos os dados são coletados e, às vezes, até mesmo durante sua coleta, “muitos bibliotecários expressam incerteza sobre a validade dos dados, a precisão de sua atribuição aos níveis e até mesmo a base sobre a qual os níveis são atribuídos.” (MUNROE; STEEG, 2004, p. 181). No entanto, deve-se considerar que pesquisas feitas sobre o processo de tomada de decisões, mostram que a incerteza permeia a maioria das decisões organizacionais, tornando-se, assim, um fato relativamente comum. Avaliar uma coleção torna-se uma tarefa subjetiva. Não é como fazer um exame de sangue, onde se verifica se há uma determinada substância e qual a sua quantidade. Desse modo, por não ser uma ciência exata e sim uma aproximação, os resultados alcançados vão depender do conhecimento e experiência do profissional que irá utilizar o *Conspectus*, do conhecimento

que ele possui do seu acervo, das necessidades de seus usuários e do assunto. Antes mesmo de apresentar os dados de sua pesquisa, Munroe e Steeg (2004, p. 182) afirmam que,

Quando temos uma melhor compreensão das premissas, métodos e limitações do *Conspectus*, e do inevitável papel da incerteza e busca por confiança sempre presentes na tomada de decisões, nossas avaliações não serão apenas mais bem informadas e nossos colegas ficarão mais confiantes, mas mais parcerias e alianças dentro e entre instituições irão aparecer. (tradução livre)

A subjetividade da metodologia foi apontada como problema por alguns profissionais que disseram não haver orientações para a avaliação das coleções. Segundo eles, “o manual não endossa qualquer método ou combinação de métodos” (JAKUBS *apud* BLAKE; TJOUMAS, 1994, p. 21-22). Pontuam também que a subjetividade do método foi questionada, especialmente se comparada a métodos quantitativos. Os bibliotecários dependem de seu julgamento profissional para escolher a melhor combinação de métodos para avaliar suas coleções e reconhecer se determinado assunto foi devidamente analisado e assim atribuir-lhe um valor numérico (JAKUBS, 1989, p. 38; OBERG *apud* BLAKE; TJOUMAS, 1994, p. 22, 23). Desse modo, eles entendem que não há garantias de que as avaliações sejam feitas de modo padronizado e uniforme. Henige (1992, p.349) enfatiza que a natureza subjetiva do estabelecimento de níveis entre bibliotecas surge sem que ela seja sequer inserida em argumentação. Ele sugere que as discussões recentes quanto a tópicos como a avaliação de coleções, tenha revelado a existência de uma “fé cega” e fundamentalista no uso do *Conspectus*, onde, segundo ele, a mente dos que estudam biblioteconomia tenha sido capturada, fazendo com que eles evitem qualquer diálogo ou debate simplesmente ignorando qualquer crítica feita. Na opinião do autor, há falta de “debates justificatórios”, de publicações com nível muito maior de ceticismo, rigor, auto-avaliação e justificação. Desse modo seria mais fácil a defesa contra possíveis acusações de mediocridade acadêmica.

A presença constante de incertezas pode gerar dúvidas quanto à confiabilidade dos dados produzidos. Devido a essas preocupações, Stephan Hanger (*apud* BLAKE; TJOUMAS, 1994, p. 23) lembra que diretrizes complementares foram adicionadas ao RLG/ARL *Conspectus* fornecendo recomendações de verificação, assim como definições operacionais para as atribuições dos níveis da coleção. Blake e Tjoumas (1994, p. 23) elencam passos sugeridos pelo *METRO Collections Inventory Project Manual*:

1. Usar uma combinação de métodos de avaliação;

2. Comparar as classificações de nível com os reportados por outras bibliotecas de temática e tamanho similares;
3. Fazer uma revisão dos resultados com um comitê de bibliotecários da própria instituição ou de outras.
4. Realizar estudos de verificação.

Alguns usuários da metodologia *Conspectus* também apontam os indicadores de idioma como fonte de problema, não possuindo aplicação precisa. Stephen Hanger (*apud* BLAKE; TJOUMAS, 1994, p. 24) aponta que os indicadores são muitas vezes difíceis de interpretar. Segundo ele, os indicadores F e W demandam um alto nível de expertise em materiais de língua estrangeira de uma área temática específica do avaliador. Desse modo, Blake e Tjoumas (1994, p. 27) em sua conclusão ressaltam a necessidade de serem desenvolvidos critérios mais claros para a interpretação dos indicadores de idioma assim como as atividades de aquisição.

Os benefícios decorrentes do uso do *Conspectus* são obtidos quando ele é implementado com cuidado e responsabilidade. Observações feitas por Thomas Nisonger (*apud* BLAKE; TJOUMAS, 1994, p. 21) identificaram a necessidade de edição do *Conspectus* após estudo feito com dezessete coleções universitárias. Foram detectadas lacunas nos números de classificação da LC. Muitos dos tópicos constantes da *National Shelflist Count* e que são, supostamente, as bases das categorias do *Conspectus*, não estavam presentes. Nisonger então sugere que aqueles que pretendem implementar o método, devem examiná-lo cuidadosamente e tentar isolar anomalias e inconsistências antes de utilizá-lo.

Como observa James March (*apud* MUNROE; STEEG, 2004, p. 189), as inconsistências fazem parte da realidade do profissional que precisa tomar decisões. E continua afirmando que, a inconsistência não deve ser vista como uma “patologia. (Dados inconsistentes) são (...) fatos da vida social, econômica e política”. E outro ponto relevante é que as decisões tomadas tendo como base o *Conspectus* não são feitas por um único indivíduo, mas por um grupo de profissionais após deliberações. Isso minimiza a falta de confiança e a subjetividade. As decisões são tomadas tendo como base as partes que formam o grupo de profissionais envolvidos no processo e os métodos utilizados por eles, e não apenas nos dados coletados.

Na entrevista realizada por Munroe e Steeg (2004, p. 190) em seu estudo, os participantes fornecem uma lista de “conselhos” com sugestões que os bibliotecários devem ter em mente ao fazerem a avaliação de suas coleções, independentemente do método utilizado. A tomada de decisões, por si só pode ser difícil, tanto por falta de confiança nos

números como pela falta de conhecimento aprofundado do que realmente é necessário para que um acervo seja considerado bom. Mas um dos participantes da pesquisa ressalta, “Faça uma decisão e viva com isso. Mude se necessário for. Isso não é como uma cirurgia no cérebro.” (MUNROE; STEEG, 2004, p. 192). Apesar de terem sido levantadas críticas de fundo subjetivo ao uso do método, nenhum participante da entrevista feita desmereceu o uso do *Conspectus*. Ainda de acordo com os respondentes, as definições fornecidas pela metodologia formal do *Conspectus*, especialmente as revisadas recentemente pela RLG, ARL (*Association of Research Libraries*) e WLN foram a chave para a tomada de decisões.

James March e Patricia Phillips (*apud* MUNROE; STEEG, 2004, p. 190) concordam que, muito mais do que simplesmente fornecer base para decisões futuras, as informações coletadas proporcionam confiança ao bibliotecário. Phillips percebeu em seus estudos sobre o processo de tomada de decisão em bibliotecas acadêmicas do Tennessee, que certa quantidade de incerteza nos leva à busca de mais informações. E, a partir de certo ponto, mais informação não melhora a precisão das decisões, mas aumenta consideravelmente a confiança daquele que toma a decisão.

Um dos pontos fortes do *Conspectus* é sua flexibilidade, podendo ele ser adaptado para uso por bibliotecas de diferentes portes, de acordo com as necessidades locais e missão das instituições. Ele é uma ferramenta que auxilia o bibliotecário a conhecer seu acervo. No entanto, este mesmo ponto forte serve como ponto de partida para críticas com relação à metodologia quando ela é avaliada usando-se métodos de estabilidade estatística (MUNROE; STEEG, 2004, p. 183). As autoras ainda explicam que, *à priori*, o *Conspectus* havia sido criado como um facilitador de cooperação entre as instituições, permitindo avaliações da adequação das coleções à missão das bibliotecas. Assim sendo, não se pode submetê-lo a testes de validação ou confiabilidade. Bushing (2006, p. 11), no entanto, ressalta que os dados devem ser interpretados e “os números não são a essência da informação”. A estatística seria apenas um ponto inicial que levaria a uma visão mais completa no final de todo o processo.

Schmidt (2016, p. 193) lembra das críticas por ocasião da criação do método. Pontua que o *Conspectus* já foi visto como uma “quimera”, um sonho ou fantasia. No entanto, ele foi aplicado, ainda que não universalmente, e continua a ser usado. G.G. Allen (1989, p. 211) toca também na questão da criação do *Conspectus*. Ele argumenta que sua criação foi incentivada pelos princípios das bibliotecas americanas que estavam sob pressão na década de 1970. O objetivo de se possuir todas as publicações (onde quantidade prevalecia sobre qualidade), dentro da grandiosidade do sonho americano, simplesmente ruiu. Passou a ser impossível que as bibliotecas crescessem “sozinhas”, sendo necessário criar um vínculo de

cooperação entre elas. Allen (1989, p. 212, 213) também afirma que grande parte das decisões de compras é feita com base em avaliações ou pressão local e não pela influência de conhecimento que outra biblioteca possua. Apesar de não refutar totalmente a ideia de que existam decisões que tenham sido tomadas com base nos dados do *Conspectus*, ele também pontua que não há avaliações analíticas que demonstrem isso. Além disso, Allen diz que não haveria necessidade do uso ou até mesmo da criação do *Conspectus*, pois, como citado por Henige (*apud* ALLEN, 1989, p. 215), os dados brutos para avaliação de uma coleção onde o desenvolvimento de coleções e planos de cooperação podem e devem ser feitos, já existem nos EUA (as bases de dados da NSC, OCLC e RLIN).

Mas o uso do *Conspectus* acabou se expandindo a outras finalidades, servindo também como ferramenta de planejamento de empréstimos, documento público usado pela biblioteca, ferramenta orçamentária, ajuda nas questões de relações públicas, um esboço sobre o qual se estrutura uma política de desenvolvimento de coleções, incentivo para captação de recursos, ferramenta de treinamento, fonte de informação de credenciamento, um meio de construir a confiança do bibliotecário e a base para se dividir a responsabilidade da preservação (MUNROE; STEEG, 2004, p. 183-184). Allen (1989, p. 211) critica, veementemente, essa posição assumida pelo método, como se ele fosse a ferramenta capaz de sanar todos esses problemas.

Em artigo publicado na *Information Today* (1993, p. 28) sobre o uso do *WLN/RLG Conspectus Software*, o sistema de bibliotecas de Illinois, nos EUA, antecipa as vantagens do seu uso antes mesmo de completar o processo de instalação em todas as bibliotecas: maior compreensão das coleções existentes, otimização do uso dos recursos para a compra de novos materiais, identificação dos pontos fortes e com isso aprimoramento da coleção, tornando possível o planejamento de longo prazo, melhoria no serviço de empréstimo entre bibliotecas e fornecimento de informações descritivas sobre bibliotecas individuais auxiliando o gerenciamento de coleções. Nesse aspecto, Blake e Tjoumas (1994, p. 20) citam como outro produto final do processo de avaliação, a identificação de materiais a serem mantidos e outros apropriados ao descarte.

Ferguson, Grant e Rutstein (1988, p. 199, 202, 203) destacam que com o uso do *Conspectus* é possível: melhorar a administração dos recursos por meio da comunicação com outras instituições, manter a força das coleções, tomar atitudes com relação à preservação do acervo, determinar as prioridades da coleção, fazer melhor uso do espaço físico, treinar e alocar pessoal, angariar fundos de suporte aos programas desenvolvidos pelas bibliotecas, preparar para revisões de acreditação, melhorar a comunicação entre faculdade e biblioteca,

gerar uma política de desenvolvimento de coleções, identificar materiais para recolhimento ou descarte, identificar quais áreas demandam maior atenção, dividir responsabilidades, comprar material alvo, preparar propostas de orçamento anual ou especial.

Daniel Dorner (*apud* MUNROE; STEEG, 2004, p. 186) em estudo realizado em bibliotecas acadêmicas do Canadá, concluiu que o uso do *Conspectus* pode ser suscetível a uso errôneo pelos avaliadores, gerando resultados irrealistas ou “inflacionados” por pressões políticas locais. No estudo de Dorner, ao fazer uma correlação entre a Intensidade Atual da Coleção (*CCI – Current Collecting Intensity*) e o número de participações em bibliotecas canadenses de psicologia, foi encontrada uma relação muito maior, mais forte e significativamente positiva entre orçamento e CCI do que entre número de participações e CCI. Desse modo, uma instituição em busca de investimento mais substancial, por exemplo, poderia apresentar resultados incondizentes. David Henige (1987, p. 211) também concorda que a metodologia é suscetível a produzir resultados incondizentes, pelo mau uso de seus usuários, devido a pressões políticas, o que produziria resultados com “valores inflacionados”. Blake e Tjomas (1994, p. 20), no entanto, afirmam que a análise dos dados resultantes da avaliação da coleção fornece uma base suficientemente sólida para averiguação das prioridades da instituição, não somente no que se refere ao seu desenvolvimento futuro, mas quanto às decisões relativas à alocação de recursos e pessoal.

Henige (1987, p. 209, 212) declara que “o *Conspectus* é muito impreciso para ser instrutivo, instável para se acreditar e muito trabalhoso para recompensar o seu esforço” e que “é pouco mais que uma medida de melhores palpites extravagantemente projetada e assiduamente propagada”.

Allen (1989, p. 212) questiona qual, afinal de contas, é sua finalidade. “Para que serve? Para se ter uma lista de bibliotecas para ligar antes de se comprometer a fazer uma compra onerosa?” Bushing (*apud* MUNROE; STEEG, 2004, p. 184) afirma que o “sucesso do *Conspectus* depende do conceito essencialmente indefinível do bibliotecário informado e experiente”. Opinião essa que é compartilhada por outros autores da área. Daí surgem questionamentos sobre um possível padrão para o que vem a ser um bibliotecário bem informado e experiente. E um padrão que compare uma dada coleção dentro do vasto universo de publicações. Henige (1987, p. 212) elenca que estudos de verificação mais recentes se baseiam em selecionar bibliografias padrão. E sugere que a *National Shelflist Count* é uma ferramenta melhor para o gerenciamento de coleções, pois “os números gerados pelo *Conspectus* demandam interpretação baseada em informação deficiente, os números da *Shelflist Count* significam a mesma coisa para todos os usuários.” Para Henige, o *Conspectus*

é um esforço caro, com códigos que representam opiniões não especificadas, onde cada número abrange uma infinidade de disparidades impronunciáveis, não preenchendo nenhuma necessidade existente, apenas duplicando um procedimento que já existe.

Ferguson (1992, p. 350, 351) enumera as quatro maiores críticas de Henige com relação ao *Conspectus* e discorre sobre elas:

1. O *Conspectus* é subjetivo: sim, ele é e isso não necessariamente implica em algo negativo. A ideia é usá-lo para caracterizar a coleção nas estantes e como descrever seu comportamento. Segundo Ferguson, o desafio mental em fazer julgamentos subjetivos, faz do *Conspectus* uma ferramenta de valor incalculável no treinamento dos avaliadores. Não esquecendo que a avaliação é feita por bibliotecários de modo responsável.
2. O *Conspectus* usa definições “mal definidas”: as definições podem ser aperfeiçoadas, mas os problemas não são intransponíveis. Difícil entender como Henige quer que se descreva uma coleção sem usar palavra alguma.
3. O *Conspectus* é suscetível ao engano: Henige sugere que os dados podem ser manipulados (inflacionados) para que se consiga mais recursos. Esse argumento é refutado se levar em consideração que, se este tipo de comportamento existe, não foi em decorrência da criação do *Conspectus*.
4. O *Conspectus* não é tão bom quanto a *National Shelflist Count* (NSC): a NSC também possui falhas sérias e mesmo com elas pode ser útil. Mas ela não substitui as avaliações qualitativas que o *Conspectus* é capaz de fornecer.

Na visão de Ferguson, o maior problema com o *Conspectus* na verdade diz respeito aos próprios bibliotecários que o usam e que permitiram que ele se tornasse um fim em si mesmo. O foco passou a ser o método que acaba servindo como uma distração dos problemas reais: a competitividade entre as instituições, o amor a autonomia e a continuidade do paradigma da propriedade. Os dados coletados não são o problema, mas o que **não** foi feito com eles além dos motivos do uso do *Conspectus*.

Ross Atkinson (1992, p. 353) credita as críticas de Henige à falta de reconhecimento à multiplicidade de motivações do *Conspectus* e concepções errôneas quanto à realidade do trabalho do bibliotecário e do desenvolvimento de coleções. Nos dias atuais, a cooperação entre bibliotecas se tornou algo esperado e necessário e fazer uso de uma metodologia que descreve não só o conteúdo da coleção, mas também suas prioridades, se torna muito útil, à medida que, os relatórios gerados proporcionam fácil comunicação e comparação dos dados levantados. Para Atkinson, o uso do *Conspectus* traz à tona perguntas básicas e essenciais

sobre as coleções, suas qualidades e força, que não seriam visíveis se não fosse pelo uso da metodologia. Ele afirma que nada comprova mais a utilidade do *Conspectus* do que a frequência em que ele foi contraditoriamente declarado e considerado inútil. Todo o conhecimento e compreensão derivam de conclusões feitas a partir das relações de assuntos, o que é possível quando o bibliotecário faz uso do *Conspectus*. Além da comparação feita entre coleções de instituições diferentes, ele também força uma comparação em termos de qualidade dos diferentes assuntos dentro de uma mesma instituição. Este é um grande benefício decorrente do uso da metodologia. Quando Henige levanta a possibilidade de dados inflacionados, mesmo se cometer tal imprudência, o bibliotecário terá a percepção da real força de sua coleção e suas prioridades aperfeiçoadas com o uso do *Conspectus*.

Atkinson (1992, p. 354) ainda recorda que Henige qualifica o desenvolvimento de coleções como não sendo “científico”. Atkinson afirma que o sentido do *Conspectus* é transmitir opiniões e afirmações subjetivas sobre o valor e utilidade dos assuntos das coleções por aqueles responsáveis por desenvolvê-las. Nesse sentido, ele permanece sendo a melhor ferramenta, a despeito de suas possíveis falhas. Segundo a visão de Atkinson, as falhas dizem respeito ao refinamento das opiniões através do diálogo entre as instituições, colocando em prática o tipo de programa sistemático de coleção cooperativa previsto pelo RLG e ARL NCIP. Essa falha, porém, não deriva da natureza abstrata e “não científica” do *Conspectus*. E se um amplo programa de cooperação não foi alcançado, isto se deve ao fato de que a administração de coleções continua a ser influenciada pela subjetividade da força política que, através de pressões internas, demandam o investimento de recursos à satisfação de necessidades locais de curto prazo. “A biblioteconomia, e especialmente, o desenvolvimento de coleções tem muito pouco a ver com ciência e objetividade”. Sua busca pode ser mutável, obscura, ambígua e até mesmo “bagunçada”. E para aqueles que o praticam, resta a aceitação de que as ferramentas utilizadas para tal objetivo irão, necessariamente, refletir essas qualidades.

Blake e Tjoumas (1994, p. 22) percebem que, mesmo que fosse feito um treinamento padronizado do *Conspectus*, isso não necessariamente implicaria que as classificações fossem aplicadas por aqueles que foram treinados. Além da experiência e treinamento, Munroe e Steeg (2004, p. 188) apontam para os conflitos resultantes das duas posições ocupadas pelo indivíduo no momento da tomada de decisões: avaliador e bibliotecário. Segundo as autoras, os papéis conflitantes poderiam determinar a direção das decisões. É possível que o profissional esteja interessado no crescimento da coleção. Ou na sua reputação frente ao corpo

docente da instituição como especialista, como angariador de fundos, ou simplesmente como guardião da coleção em questão.

Os próprios designadores numéricos utilizados têm sido questionados. David Henige (1987, p. 209-211) recorda que se vive num tempo em que dados e informações proliferam-se de modo assustador, o que pode levar a considerar o uso de novas ferramentas para lidar com tamanho volume. Decisões racionais devem estar baseadas não somente nas informações recebidas de forma oportuna, mas naquelas em que seja possível confiar em sua validade. E ele argumenta que o trabalho do bibliotecário deve ser feito tendo como base dados que sejam válidos, de modo que não possam ser questionados ou colocados em dúvida ou até mesmo falsificados. Assim, questões substanciais têm preferência sobre as técnicas. Henige critica como dados restritos a números gerados pelo *Conspectus* podem ser aceitos. Em sua opinião, o *Conspectus* provê nada mais que opiniões dos avaliadores altamente indiferenciadas, subjetivas e abstratas em relação aos pontos fortes dos itens da coleção de suas bibliotecas. A maior força dos números consiste em sua força de uniformidade. Mas como evitar que cada avaliador interprete sua coleção sem que o valor numérico seja puramente subjetivo? Seria possível atribuir um nível 5 a uma determinada coleção? Essa coleção realmente possui todas as publicações, manuscritos e outras formas possíveis de registros de conhecimento? Henige ainda argumenta que, como tais designadores não são números ordinais ou dados de um intervalo, qualquer pesquisa que tente comparar instituições será falsa e correlações não serão possíveis. Sendo assim, a metodologia não é capaz de fazer avaliações quantitativas sobre uma determinada coleção, apenas qualitativas, de modo que talvez nem seja mensurável e nem suscetível a conceitos estatísticos de confiabilidade, validade interna ou externa ou correlação, fazendo com que todo o esforço e uso estatístico sejam inúteis. Uma coleção de uma determinada área temática classificada em nível 3, por exemplo, pode não ser equivalente a outra coleção, que abrange outro assunto, com a mesma classificação.

Joseph Janes (1992, p. 351, 352), em resposta às críticas feitas por David Henige, diz não se sentir qualificado para reagir aos comentários feitos sobre o *Conspectus*, mas pode esclarecer algumas indagações quanto à validade dos dados levantados pela metodologia. Ele fala sobre a importância do rigor ou precisão em pesquisas que usam métodos aceitos, o que fortalece o argumento de que o pesquisador ou avaliador, com os dados encontrados, tenta convencer seus colegas quanto ao significado de seus resultados. Isso nada mais é do que o que cada relatório de pesquisa faz: apresentar resultados de modo que eles sejam aceitos pela comunidade a que se destina. O uso de métodos e estatística aumenta a probabilidade de aceitação. Nesse sentido, o rigor também faz parte da natureza da pesquisa. Os dados

apresentados estão abertos para serem avaliados, replicados e até mesmo corrigidos. Se houver dados errados ou fraudulentos, isso poderá ser identificado e revisado ou refutado. As críticas então vêm de variadas formas: métodos estatísticos podem estar incompletos ou terem sido executados de maneira incorreta. A metodologia pode ser inapropriada ou tendenciosa. Segundo Danny P. Wallace (*apud* JANES, 1992, p. 352), os periódicos da área publicam mais resultados de estudos feitos sem o uso de estatística do que com. E os que usam a estatística, usam mais técnicas descritivas do que inferenciais. Janes (1992) continua afirmando que estatística e métodos não são tudo, não bastam por si só. Não há método ou pesquisa que produza bons resultados se o estudo for pobre e baseado em ideias mal informadas. E sendo usados de maneira errônea, dificilmente terão seus resultados aceitos. Críticas em pesquisas de biblioteconomia e ciência da informação existem e sempre existirão.

De acordo com os manuais, cada nível do *Conspectus* se sobrepõe ao anterior e podem ser definidos de maneira diferente, dependendo da coleção e do avaliador. Mas o fato de argumentar-se que não é possível gerar dados estatísticos com os resultados obtidos pela metodologia, não significa que ela não possua valor algum. Por meio do uso cumulativo, o consenso da avaliação da coleção gera significado à medida que a comunidade a usa e faz com que o uso da ferramenta tenha valor. Talvez os valores numéricos obtidos não sejam exatamente mensuráveis, mas são previsíveis e podem ser considerados como declarações de probabilidade (DAVIS; SAUNDERS, 1992, p. 357).

Para Blake e Tjomas (1994, p. 20, 26, 27), a primeira vantagem do uso do *Conspectus* está ligada ao modo uniforme e conciso em que os dados são coletados. Todas as informações levantadas (forças, fraquezas e planos de desenvolvimento futuro) são transmitidas de modo bem claro de uma instituição para outra, o que colabora para o trabalho em parceria. Desse modo, políticas de aquisição cooperativa podem ser desenvolvidas. Os autores concluem que este era o principal objetivo do *Conspectus* em sua forma original: cooperação entre bibliotecas. No entanto, outras funções foram agregadas com o tempo (base para solicitações orçamentárias, auxílio na preparação de relatórios de credenciamento e planejamento de armazenamento e descarte), mas os autores afirmam que o *Conspectus* nunca foi utilizado para estes propósitos ou outros, com tanta frequência na prática, como se atribui na literatura profissional. Eles sugerem que estudos empíricos devem ser conduzidos para certificar que o *Conspectus* pode, realmente, cumprir com precisão todas as funções que lhe são atribuídas. Estudos dessa natureza seriam de grande utilidade para confirmar ou refutar sua eficácia, trazer aperfeiçoamento, se necessário, para aumentar a precisão do método, e identificar problemas. O que serviria não só para tornar mais clara a sua aplicabilidade, como

criar terreno fértil para que outras metodologias de avaliação de coleções sejam criadas. Outra ponderação diz respeito à eficácia da metodologia em pequenas e médias bibliotecas que possuem poucos funcionários e verba reduzida. Eles sugerem que o *Conspectus* é muito sofisticado para instituições com esse perfil.

Como passos para o processo de avaliação das coleções em sua pesquisa (sempre adaptado às necessidades locais e missão), Munroe e Steeg (2004, p. 196-200) citam:

- *Shelfscanning*: andar entre as estantes dá uma ideia melhor do estado real do acervo e quantidade de itens nas prateleiras;
- Determinar a idade da coleção;
- Consultar listas bibliográficas e catálogos;
- Consulta à especialistas;
- Consulta ao universo de publicações;
- Lista de contagem de prateleiras;
- Volumes adicionados, dados de circulação e empréstimos entre bibliotecas;
- Compromissos orçamentários;
- Condições locais (cursos, créditos, listas de catálogos, demografia e graus concedidos) para estabelecimento de metas;
- Avaliação comparativa (alguns participantes da pesquisa ressaltaram, no entanto, que é melhor descrever e não comparar);
- Verificação: se há necessidade de justificar algo, verifique.

Ao final da pesquisa, foram relatadas algumas surpresas por parte dos respondentes. Alguns desconheciam a força que suas coleções possuíam. Outros, em menor número, descobriram que sua coleção era fraca e precisava de ajustes. Foram encontrados itens raros “escondidos” no meio dos itens dos acervos. E por unanimidade, o melhor resultado de todo o processo foi o conhecimento adquirido sobre cada coleção. Todos concordaram que trabalhar com o *Conspectus* trouxe mais confiança para descrever suas coleções, meios de solicitar mais recursos, informação consistente para o gerenciamento da coleção, principalmente nas questões relativas à preservação e acondicionamento e direcionamento para decisões relativas ao melhor uso de recursos. Apesar de terem sido levantadas críticas de fundo subjetivo ao uso do método no estudo realizado, nenhum participante da entrevista desmereceu o uso do *Conspectus*. As autoras ainda concluem que apesar de todas as limitações e questionamentos, e muitas vezes da insegurança sentida pelos bibliotecários, a avaliação de coleções usando-se

o *Conspectus* e suas ferramentas, é o melhor modo de se conhecer e compreender as coleções (MUNROE; STEEG, 2004, p. 203).

Para Schmidt (1992, p. 357, 358) os bibliotecários deveriam possuir uma melhor base de conhecimento em economia e estatística, o que os tornaria suficientemente críticos. Ela também considera que os profissionais da área têm pouca qualificação para avaliar a epistemologia e metodologia do *Conspectus*. Segundo a autora, aqueles que fazem uso do *Conspectus* podem reconhecer os aspectos práticos das críticas de Henige, mas talvez se calem por medo de pressões por parte de supervisores e administradores favoráveis ao seu uso. Ela afirma que há um consenso de que a pesquisa bibliotecária possui fraquezas, sendo uma delas pouca base teórica. Quando a pesquisa é feita, seu principal objetivo é resolver problemas locais. De acordo com Schmidt, os bibliotecários precisam primeiro se ocupar com questões básicas como a justificativa da coleta de dados por associações de bibliotecas profissionais, a relação entre a coleta de dados, pesquisa e teoria, antes de abordar questões epistemológicas, como Henige fez.

Schmidt (1992, p. 358) também observa que aqueles que possuem doutorado na área, são mais suscetíveis em levantar questões de cunho epistemológico como Henige o fez. Nem todos, no entanto, possuem familiaridade com o *Conspectus* e com questões epistemológicas mais amplas relacionadas a ele. A autora conclui que as falhas básicas, tanto relacionadas ao treinamento pré-profissional, como o serviço dos bibliotecários, precisam ser sanadas para interromper o *status quo*.

Hernon (1992, p. 355) atribui o debate em torno do uso do *Conspectus* ao fato de que ele não produz dados de pesquisa, mas dados de gerenciamento, que são informações de grande utilidade no processo de tomada de decisões. Mas, da perspectiva de pesquisador, Hernon questiona a precisão da interpretação dos indicadores de intensidade da coleção, pois vê que a diferença entre os níveis algumas vezes não é suficientemente clara. Hernon e McClure (*apud* HERNON, 1992, p. 355) afirmam que “... coletar dados gerais que demonstram extensividade, efetividade ou eficiência apenas de uma maneira geral é melhor do que não ter nenhum dado disponível num programa ou serviço.”

Paul Mosher e Nancy Gwinn (*apud* DAVIS; SAUNDERS, 1992, p. 356, 357) justificam que a natureza qualitativa da avaliação de coleções se deve ao fato de que as avaliações quantitativas das décadas de 1950 e 1960 foram malsucedidas em gerar resultados úteis. Na perspectiva do *RLG Collection Management and Development Committee*, uma lista de contagem de prateleiras possui muitas discrepâncias devido às práticas variadas das bibliotecas. A alternativa à medida quantitativa, segundo Davis e Saunders, é a qualitativa,

que depende então do julgamento de um especialista. Eles recordam da crítica feita por Henige dizendo que a avaliação de coleções é subjetiva, bagunçada, cheia de indeterminações e de valor duvidoso. Mas isso não significa que falte validade epistemológica. As decisões tomadas diariamente são feitas sob circunstâncias de incerteza usando-se a probabilidade subjetiva, considerando se uma determinada suposição é falsa ou verdadeira. Em estatística, probabilidades objetivas são determinadas através de tentativas repetidas, mas muitas situações não nos permitem repetidas tentativas. Desse modo, as pessoas atribuem probabilidades subjetivas simplesmente para agirem.

Leonard J. Savage (*apud* DAVIS; SAUNDERS, 1992, p. 357) mostrou que, em situações adequadas, probabilidades subjetivas possuem muitas características de probabilidades objetivas. E ele demonstrou, usando apenas as condições fornecidas, que é possível fazer uma avaliação subjetiva válida em que $P(A) > P(B)$ (a probabilidade de A é maior que a probabilidade de B). Assim, independentemente do assunto ou da instituição onde se encontra, $P(\text{nível 2 ou nível 3}) > P(\text{nível 1 ou nível 4}) > P(\text{nível 0 ou nível 5})$.

Gameran e Migon (1999, p. 2 *introduction*) declaram que dois pontos de vista formam as bases de duas diferentes formas de análise estatística:

1. Toda informação é útil e deve ser levada em consideração - Estatística Bayesiana (ou subjetiva);
2. Arbitrariedade é evitada e somente o objetivo da observação oriundo de um processo de amostragem é levado em consideração. Desse modo toda informação subjetiva deve ser descartada - Estatística Clássica (ou frequentista).

A divergência entre estas duas formas de análise é muito grande, a começar pela interpretação do conceito de probabilidade. Esse conceito assume interpretações diferentes de acordo com o sentido atribuído a ela. Na forma de análise estatística subjetiva, “a probabilidade de um evento A é a medida do grau da crença de alguém na ocorrência de A” (GAMERMAN; MIGON, 1999, p. 4 *introduction*). Os autores utilizam como exemplo três experimentos diferentes, descritos por Berger (*apud* GAMERMAN; MIGON, 1999, p.2 *introduction*). Um músico experiente diz ser capaz de distinguir composições de Mozart e Hayden apenas ouvindo as músicas de ambos aleatoriamente. Um homem bêbado diz que é capaz de adivinhar em qual face uma moeda vai cair. Uma velha senhora inglesa é famosa por distinguir se uma xícara de chá foi feita adicionando primeiro o leite ou o chá. Para cada experimento foram feitas dez tentativas com dez acertos. Os três experimentos tratam do mesmo tipo de informação e qualquer teste de autenticidade das afirmações feitas por cada um dos participantes seria positivo, com o mesmo grau de confiança. No entanto, é dado mais

crédito à palavra do músico, do que a da velha senhora e muito mais do que a do homem bêbado. Os resultados dos experimentos aumentam a veracidade das afirmações feitas por cada um, ainda que não se tenha a mesma confiança nas três afirmações.

Vale lembrar que o *Conspectus* é uma ferramenta de registros passados e presentes das forças e fraquezas de uma coleção. Ou seja, há relação entre os dados coletados anteriormente e os presentes. Ele então é capaz de mostrar onde houve progresso e desse modo, onde a força aumentou e onde ela precisa aumentar, fazendo com que o avaliador trace objetivos para áreas específicas da coleção e qual nível deseja alcançar. A análise estatística Bayesiana lida com dados passados e presentes.

A força de uma coleção é definida culturalmente, através do consenso da comunidade. Atkinson (*apud* DAVIS; SAUNDERS, 1992, p. 357) diz que os rankings numéricos do *Conspectus* são, a princípio, símbolos sem significado e adquirem significado pouco a pouco através do seu uso. Assim sendo, quando um bibliotecário avalia uma determinada coleção como sendo de nível 4, ele quer dizer que possui um alto nível de confiança (probabilidade) de que, se seus colegas de outras instituições a avaliassem também, o resultado seria o mesmo.

Mapear a força de uma coleção e suas fraquezas e determinar as necessidades e decisões futuras são desafios que o *Conspectus* é capaz de avaliar. Ele requer um investimento de tempo significativo. Quem o coordena deve estar apto a esclarecimentos, resolver questões relacionadas a interpretação, obter documentação necessária, revisar dados que porventura apresentem inconsistências e lidar com um grande número de planilhas. A avaliação formal feita com o *Conspectus* se torna a base para uma enorme quantidade de atividades entre bibliotecas. No entanto, Jakubs recomenda que, antes de firmar vínculos de cooperação, é preciso se certificar de que os padrões de sua coleção satisfaçam as necessidades locais (JAKUBS, 1989, p. 7,8).

Como barreiras ao uso do *Conspectus*, Richard Wood (1996, p. 441) menciona o fato de que é preciso investir tempo para realizar a avaliação e preenchimento das planilhas. E isso pode levar anos. Coleman (*apud* WOOD 1996, p. 441) observa que, devido a isso, a confiabilidade pode ser questionada porque não há atalhos possíveis e, desse modo, suas recompensas (benefícios) não serão imediatas ou tangíveis. Nesse caso, o NSC se mostra mais simples, pois pode ser usado até mesmo por um assistente. Os recursos são mais frequentemente direcionados às bibliotecas de maior porte, uma vez que geralmente são elas que participam de grandes sistemas de cooperação (MILLSON-MARTULA *apud* WOOD 1996, p. 442). Wood também menciona que a comparação entre as bibliotecas pode ser injusta

se não houver um parâmetro ou diretrizes. Ele observa que ao fazer uso de tabelas de conversão de CDD para LC, as bibliotecas de pequeno porte correm o risco de gerarem dados imprecisos, pois as tabelas contêm falhas na “tradução” dos dados.

Como benefícios decorrentes do uso da metodologia *Conspectus*, Wood (1996, p. 437, 438) destaca a visão e estrutura bibliográfica necessárias, uma ferramenta metodológica e filosofia para fazer o trabalho individual e cooperativo mais efetivo. O *Conspectus* ajudou os bibliotecários a focarem sua atenção na avaliação das coleções e no seu desenvolvimento e por estar sendo usado em várias bibliotecas em vários países diferentes, ele proporcionou um vocabulário internacional comum e uma metodologia padrão. Wood cita como o maior benefício do *Conspectus* a identificação das forças das coleções, tanto nacional como internacionalmente. Ele também maximiza o uso dos recursos para o desenvolvimento das coleções nas áreas que realmente precisam e ajuda em várias funções relacionadas ao gerenciamento da coleção, podendo, inclusive, aumentar sua qualidade.

Como benefícios adicionais, Wood também ressalta que o foco das instituições na avaliação e no desenvolvimento da coleção faz com que as bibliotecas participantes da rede de cooperação estejam sintonizadas num padrão reconhecido internacionalmente. Os dados colhidos no passado e no presente garantem sua consistência ao serem consultados anos depois em nova avaliação. O método também proporciona a criação de documentação formal para a instituição (política da biblioteca), pois começa colhendo informações como a missão e objetivos da biblioteca, perfil dos usuários, pesquisas realizadas, etc. Isso gera reconhecimento e autoridade. No caso de licença, aposentadoria ou dispensa de funcionários, o *Conspectus* atua como ferramenta de treinamento para novos bibliotecários e poupa muito trabalho. Ele minimiza decisões tendenciosas, inclusive aquelas motivadas por pressões, permitindo que decisões arbitrárias ou incorretas sejam mais fáceis de serem detectadas. Como as decisões têm como base um padrão de avaliação e desenvolvimento de coleções mundial que é profissional, objetivo, consciente, eficiente e consistente, fica mais fácil lidar com reclamações relacionadas a seleção e descarte de materiais. As tarefas necessárias para a coleta dos dados ajudam a desenvolver competências, agregam experiência e conhecimento aos profissionais envolvidos no processo. Wood observa que a frequência de descarte de itens é inversamente proporcional ao nível atribuído pelo *Conspectus* à instituição. Quanto mais alta a classificação (nível 3c, 4, 5, por exemplo) mais itens de valor histórico devem ser mantidos na coleção. A base de dados que guarda as informações de cada biblioteca coletadas pela metodologia auxilia na busca por objetivos comuns das instituições membros. Um

Conspectus completo guia os diretores das bibliotecas na elaboração de planos de ação, estabelecendo prioridades para que a coleção seja aperfeiçoada (WOOD, 1996, p. 440, 441).

O *Conspectus* foi desenvolvido por bibliotecários responsáveis pelo desenvolvimento de coleções. Apesar de ser uma ferramenta que depende de medidas subjetivas, o preenchimento das planilhas e a armazenagem das informações num banco de dados (para cada biblioteca ou para a rede de cooperação), proporciona ar de objetividade e credibilidade a um processo subjetivo (WOOD, 1996, p. 438, 439).

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa (utilizada principalmente em ciências sociais) e descritiva. Como definido por Gil (2012, p. 28), a pesquisa descritiva tem como principal objetivo “a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” onde são utilizadas técnicas padronizadas de coleta de dados e com a preocupação da atuação prática. A técnica utilizada foi a pesquisa bibliográfica, que é desenvolvida a partir de material já elaborado (GIL, 2012, p. 50), e teve como referência a leitura, análise e interpretação de artigos sobre o uso do Método *Conspectus* para o desenvolvimento de coleções em bibliotecas e críticas apresentadas à metodologia. Fazendo uso do método indutivo que, segundo Gil (2012, p. 10) “parte do particular e coloca a generalização como um produto posterior do trabalho de coleta de dados”, generalização esta que é constatada partir da observação de casos concretos que confirmam a realidade, este trabalho se propôs a identificar os pontos fortes e fracos do uso da Metodologia *Conspectus* e analisar as críticas identificadas na literatura estrangeira.

As etapas desenvolvidas na coleta de dados deste trabalho se deram primeiramente por meio da leitura de artigos. Foram identificadas as críticas tanto positivas quanto negativas na revisão de literatura. Elas foram então distribuídas em quadros comparativos de acordo com a sua área temática na seção de análise dos dados. Posteriormente, foi feita a redação das conclusões.

Tendo como ponto de partida, o artigo em português da professora Rita Caribé (2014), “*Conspectus: um método para o gerenciamento de coleções em bibliotecas*” e o *Guidelines for a Collection Development Policy using the Conspectus Model* de Dora Biblarz (2001), que são facilmente acessados pela internet, outros textos e artigos foram pesquisados e encontrados na literatura por meio das bases de dados LISA, PROQUEST e *Google Acadêmico* e consultado o *Annual Review of Information Science and Technology* (ARIST). Foram usados para pesquisa os termos “*Conspectus*”, “*Método Conspectus*”, “*Conspectus Model/ Method*” e “*Criticism/ Critics to Conspectus Methodology*”. Também foram encontrados artigos referenciados nos textos de Mary Munroe e Jennie Steeg (dos autores Blake e Tjoumas, Ferguson, Atkinson, Henige, Herson, Davis e Saunders) nos periódicos *The Journal of Academic Librarianship* de setembro de 1987 e janeiro de 1992, e *Collection Management* de 1994 na BCE. Foi feito um pedido de textos sobre o *Conspectus* à biblioteca da *Library of Congress*, no dia 5 de junho deste ano, sendo especificado que os textos deveriam conter críticas ao método. Foram recebidos os artigos de Deborah Jakubs e Janine

Schmidt (este também disponível online). Na lista de referências do texto de Blake e Tjoumas, também constam os artigos de Deborah Jakubs e o de Anthony Ferguson, Joan Grant e Joel Rutstein, este disponível na internet.

Na literatura brasileira foram encontrados somente dois artigos sobre o *Conspectus*: o artigo supracitado da professora Rita Caribé (2014) e artigo elaborado por Elzuíla Maria Bastos (2011) “*A nova política de Desenvolvimento de Coleções da Biblioteca da Câmara dos Deputados: adaptações da metodologia conspectus*”, como citado anteriormente no item 3.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

De acordo com as informações coletadas nesta pesquisa foi possível verificar que o método *Conspectus* recebe tanto críticas positivas quanto negativas desde a sua criação. Nos quadros 1 a 8, apresentados a seguir, as críticas foram separadas por área temática de acordo com cada autor, em ordem cronológica e identificadas por seu teor positivo ou negativo.

No quadro 1 encontram-se sintetizadas informações extraídas de documentos analisados quanto às críticas positivas ou negativas referentes ao *Conspectus* como instrumento de planejamento. Observa-se que das obras analisadas apenas uma apresenta crítica negativa ao método neste aspecto.

Quadro 1- Área temática: Instrumento de planejamento

Autor (es)/ data	Crítica (s)	Indicação de positivo (+) ou negativo (-)
Ferguson; Grant; Rutstein(1988)	Melhora da cobertura de assuntos e direcionamento de recursos.	+
Allen (1989)	O <i>Conspectus</i> como vínculo de cooperação.	+
Hernon; McClure (1990)	É melhor ter dados gerais do que nada.	+
Hernon (1992)	O <i>Conspectus</i> gera dados de gerenciamento.	+
Atkinson (1992)	O seu uso proporciona maior conhecimento da coleção e serve como parâmetro para comparação dentro e fora da instituição.	+
Blake; Tjoumas (1994)	Ajuda na seleção de materiais para descarte. Os resultados do seu uso são base sólida para investimento de recursos. Gera vínculo de cooperação entre as bibliotecas. Os dados são coletados de modo uniforme e conciso, fazendo com que sejam claros.	+
March; Phillips (1994/1995)	Os dados colhidos são a base para decisões futuras e geram confiança. A incerteza leva a busca de mais informações.	+
Henige (1997)	<i>Conspectus</i> é impreciso, intestável, caro e trabalhoso.	-
Munroe; Steeg (2004)	O <i>Conspectus</i> como chave para tomada de decisões. O método é flexível e ajuda a conhecer melhor o acervo.	+
Schmidt (2016)	Mesmo com críticas, o método continua a ser usado e implantado ao redor do mundo.	+

Fonte: Elaboração própria.

Como instrumento de planejamento, o *Conspectus* traz melhorias para o acervo, pois devido ao conhecimento que o bibliotecário passa a ter, ele pode gerenciá-lo de modo mais eficiente e eficaz. Ele investe em áreas que precisam de melhorias, administrando melhor as novas aquisições e descartando itens que não estão de acordo com a missão e objetivos da instituição. Além de cumprir o seu propósito primordial, que é proporcionar a cooperação entre as bibliotecas.

No quadro 2 foram sintetizadas as críticas positivas e negativas referentes à metodologia *Conspectus* no que se refere à subjetividade do método, aspecto comentado por diversos autores, porém foram constatadas apenas duas críticas negativas quanto a este aspecto, os demais autores consideraram que a subjetividade não inviabiliza o seu uso.

Quadro 2 - Área temática: Subjetividade do método

Autor (es)/ data	Crítica (s)	Indicação de positivo (+) ou negativo (-)
Henige (1987)	Dados coletados não são válidos (confiáveis)	-
Jakubs (1989)	A subjetividade da metodologia é um problema. Depende da experiência do profissional e do seu conhecimento.	-
Ferguson (1992)	A subjetividade do <i>Conspectus</i> faz dele uma ferramenta de valor incalculável para treinamento.	+
Atkinson (1992)	O <i>Conspectus</i> é a melhor ferramenta para transmitir opiniões e afirmações subjetivas sobre o valor e utilidade dos assuntos das coleções.	+
March (1994)	Inconsistências fazem parte da vida profissional.	+
Wood (1996)	Registros e documentação gerada pelo <i>Conspectus</i> e a colocação das informações numa base de dados, dá ar de objetividade e credibilidade a um processo subjetivo.	+
Munroe; Steeg (2004)	Há muita incerteza quanto a validade dos dados. No entanto, a incerteza faz parte do processo. É fato comum e corriqueiro e esperado que se tenha.	+

Fonte: Elaboração própria.

A subjetividade do método não se constitui em um problema, tendo sido até mesmo avaliada como um ponto positivo e comum. E mesmo com suas características e propriedades subjetivas, os dados coletados por meio do uso do método são confiáveis e válidos. Inconsistências e incertezas fazem parte de processos subjetivos e da vida profissional.

No quadro 3 são apresentadas as críticas positivas e negativas apresentadas pelos autores analisados, relativas às regras e orientação de uso do método *Conspectus*. Foi

observado que um autor não foi claro em suas afirmativas, porém induz a analisá-lo como negativo. Outros dois autores indicam que as regras e orientações devem ser estudadas e analisadas de forma a não restar dúvidas quanto ao seu uso, estas foram indicadas no quadro 3 por meio da interrogação (?).

Quadro 3 - Área temática: Regras e orientação de uso

Autor (es)/ data	Crítica (s)	Indicação de positivo (+) ou negativo (-)
Nisonger (1985)	Examinar cuidadosamente antes de utilizar para que não haja necessidade de edição.	?
Hanger (1987)	Para o caso de incerteza, há diretrizes complementares no manual.	+
Allen (1989)	O <i>Conspectus</i> é solução para tudo?	-
Jakubs (1989)	Quem coordena o uso da metodologia deve prestar esclarecimentos (quando necessário), resolver problemas de interpretação, obter documentação, revisar dados com inconsistências e lidar com muitas planilhas. Antes de formar vínculos de cooperação é preciso satisfazer as necessidades locais.	?
Ferguson (1992)	As definições do manual podem ser aperfeiçoadas (SE houver falhas. NSC também possui falhas e não perdeu sua utilidade).	+
Janes (1992)	Dados podem ser checados, replicados e corrigidos, se necessário.	+
Atkinson (1992)	A força é determinada pelo consenso da comunidade.	+
Blake; Tjoumas (1994)	Passos sugeridos para verificação e definições operacionais. Conduzir estudos empíricos para certificar que o método pode realmente cumprir com precisão todas as funções a ele atribuídas.	+
March (1994)	Decisões tomadas em conjunto diminuem a subjetividade e falta de confiança.	+
Munroe; Steeg (2004)	O <i>Conspectus</i> se expande para outras finalidades. Sugestão de passos para se fazer a avaliação de coleções (participantes da pesquisa).	+

Fonte: Elaboração própria.

As regras e orientações de uso constantes no manual são válidas, claras e acessíveis. O *Conspectus* recebeu muitas outras funções e como não se constitui em um conjunto de regras “fechadas”, pode ser adaptado para gerar melhores resultados, devendo ser utilizado com consciência.

O quadro 4 apresenta o resultado da análise das obras selecionadas no que se refere aos indicadores de idioma/intensidade. Observou-se que apenas dois autores trataram deste aspecto e ambos apresentaram críticas negativas quanto a esses aspectos.

Quadro 4 - Área temática: Indicadores de idioma/intensidade (profundidade)

Autor (es)/ data	Crítica (s)	Indicação de positivo (+) ou negativo (-)
Hanger (1987)	Os indicadores de idioma são de difícil interpretação. Há necessidade de critérios mais claros para interpretação dos indicadores.	-
Hernon (1992)	A diferença entre os indicadores de intensidade não é clara.	-

Fonte: Elaboração própria.

Os indicadores de força e idioma receberam críticas quanto à sua clareza, no entanto, têm sua diferenciação explicada no manual. O item 3.5 possui a descrição de cada um dos níveis dos indicadores de força e idioma. Profissionais experientes certamente serão capazes de distinguir e interpretar as diferenças.

O quadro 5 sintetiza a análise quanto ao aspecto da matematização inerente ao método *Conspectus*. Observou-se que dos autores que abordaram o tema apenas dois apresentaram críticas negativas quanto a este aspecto.

Quadro 5 - Área temática: Matemática

Autor (es)/ data	Crítica (s)	Indicação de positivo (+) ou negativo (-)
Savage (1954)	Probabilidade subjetiva possui muitas características de probabilidade objetiva.	+
Mosher; Guinn (1983)	Os dados, mesmo subjetivos, têm validade epistemológica e são usados para a tomada de decisões (ação).	+
Wallace (1985)	Os resultados são publicados em periódicos sem o uso de estatística.	+
Berger (1985)	Experimentos estatísticos de Berger (estatística bayesiana – subjetiva) e o grau de confiança.	+
Henige (1987)	Resultados não estão sujeitos a conceitos estatísticos de confiabilidade. Não é possível fazer avaliação quantitativa.	-
Davis; Saunders (1992)	Valores numéricos não são mensuráveis, mas são previsíveis e podem ser declarações de probabilidade.	+
Gamerman; Migon (1999)	Estatística Bayesiana (subjetiva)	+
Munroe; Steeg (2004)	Não pode ser submetido a testes de validação ou confiabilidade.	-
Bushing (2006)	Números não são essência da informação.	+

Fonte: Elaboração própria.

Apesar de sofrer críticas quanto à validade dos dados coletados e por não ser possível submetê-los a testes de validação, outros autores da área e mesmo fora dela, defendem o fato do *Conspectus* ser baseado em subjetividade. Lembrando da vertente da estatística que estuda a subjetividade, a estatística Bayesiana e que possui modos de checar a validade dos dados coletados.

O quadro 6 apresenta o resultado da análise referente ao aspecto relativo aos benefícios do método *Conspectus*. O próprio termo “benefícios” já traz em si a conotação positiva, de modo que todas as críticas dos autores neste aspecto são positivas.

Quadro 6 - Área temática: Benefícios

Autor (es)/ data	Crítica (s)	Indicação de positivo (+) ou negativo (-)
Ferguson; Grant; Rutstein (1988)	Benefícios do uso do <i>Conspectus</i> (melhora administração de recursos, mantém força, preservação do acervo, determina prioridades, otimiza uso do espaço físico, treinamento, angaria fundos, acreditação, melhora comunicação, gera política de desenvolvimento de coleções, descarte, divide responsabilidades)	+
Jakubs (1989)	Base para atividades entre bibliotecas.	+
<i>Information Today</i> (1993)	Lista de vantagens do uso do <i>Conspectus</i> (conhecimento da coleção, otimização dos recursos, identificação dos pontos fortes, melhoria no empréstimo, auxílio no gerenciamento.)	+
Blake; Tjoumas (1994)	Base para solicitação orçamentária, auxílio para preparação de relatórios de credenciamento, planejamento de armazenamento e descarte.	+
Wood (1996)	Trabalho mais efetivo, foca atenção na coleção e em seu desenvolvimento, usa vocabulário internacional padrão, maximiza uso de recursos, aumenta a qualidade da coleção.	+
Munroe; Steeg (2004)	Mais conhecimento do acervo, descoberta de itens raros, mais confiança, informação consistente para guiar ações.	+

Fonte: Elaboração própria.

A lista de benefícios decorrentes ao uso do *Conspectus* é grande. O conhecimento mais profundo do acervo facilita seu gerenciamento (espaço, descarte, seleção, recursos, alocação e treinamento de pessoal, política, preservação, etc.) gerando autoridade, mantendo a força do acervo e o estabelecimento de prioridades para aprimorá-lo. Facilita o trabalho cooperativo e cria um padrão de linguagem internacional, o que quebra barreiras de comunicação.

O quadro 7 apresenta o resultado da análise referente aos profissionais que utilizam o *Conspectus*. Observa-se que apenas um autor apresenta crítica positiva relacionada à atuação do profissional bibliotecário. Os demais criticaram negativamente este aspecto.

Quadro 7 - Área temática: Profissionais

Autor (es)/ data	Crítica (s)	Indicação de positivo (+) ou negativo (-)
Schmidt (1992)	Os bibliotecários precisam ter mais conhecimento estatístico, mais qualificação. As pesquisas bibliotecárias são feitas com pouca base teórica. Há falhas no treinamento pré-profissional e serviços prestados por bibliotecários.	-
Ferguson (1992)	Dados manipulados e valores inflacionados já existiam antes da criação do <i>Conspectus</i> . Os profissionais que usam o método não sabem lidar com os dados.	-
Bushing (1992)	A avaliação é feita por bibliotecários experientes.	+
Dorner (1994)	Resultados inflacionados por pressão política.	-
Blake; Tjoumas (1994)	Treinamento não significa muito.	-
Henige (1997)	Resultados inflacionados por pressão política. Avaliação gera resultados falsos	-
Munroe; Steeg (2004)	Papéis conflitantes de avaliador e bibliotecário podem determinar as decisões.	-

Fonte: Elaboração própria.

Parece ser consenso entre os autores que citam a temática profissional, que os melhores resultados são obtidos quando o método é utilizado por bibliotecários experientes, com melhor habilidade para interpretar os dados gerados. Se os dados gerados são inflacionados, isso não se deve ao *Conspectus*, mas ao profissional que manipula os dados. Isso pode se dar em decorrência de pressões pessoais e políticas. Também observam que os profissionais da área devem ser mais bem preparados para o exercício da profissão.

O quadro 8 apresenta o resultado da análise dos autores quanto aos problemas no uso do *Conspectus*. O termo “problemas” também acarreta conotação negativa, sendo possível observar que as críticas dos três autores possuem indicação negativa.

Quadro 8 - Área temática: Problemas no uso do *Conspectus*

Autor (es)/ data	Crítica (s)	Indicação de positivo (+) ou negativo (-)
Ferguson (1992)	Profissionais sem experiência.	-
Atkinson (1992)	Falha de comunicação entre as instituições. As pressões políticas atrapalham.	-
Wood (1996)	Existem barreiras como o tempo gasto, a confiabilidade e a complexidade. Os recursos vão sempre para as bibliotecas de maior porte. Dados são imprecisos nas tabelas de conversão de CDD para LC (bibliotecas de pequeno porte).	-

Fonte: Elaboração própria.

Os problemas gerados pelo uso do *Conspectus* são consequência da falta de experiência e preparação dos bibliotecários e da pressão política. O tempo gasto para se efetuar a avaliação é muito longo e isso foi visto como negativo. Também é preciso haver maior cuidado com as tabelas de conversão para que as bibliotecas de menor porte, ou que façam uso da CDD, possam utilizar o método sem maiores problemas.

Como pode ser observado, a quantidade de críticas positivas é muito maior que as negativas. Os aspectos positivos do uso do *Conspectus* sobressaem. A área temática mais preocupante, no entanto, diz respeito à situação do profissional da área de Biblioteconomia.

6 DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

O método *Conspectus* foi criado na década de 1980, com o objetivo de facilitar a cooperação entre bibliotecas e assim sanar o problema de recursos escassos da época. Desde a sua criação, discussões têm sido levantadas, questionando sua eficácia, sua confiabilidade, a validade dos dados gerados e até mesmo as motivações de sua utilização. Em contrapartida, diversos artigos sobre o *Conspectus* apresentam suas vantagens e benefícios.

O método foi implantado no Brasil pela primeira vez em 2010 e tem sido utilizado em várias bibliotecas do país.

Este trabalho objetivou analisar as críticas ao *Conspectus* identificadas na literatura estrangeira, elaborando ou gerando indicadores da aceitabilidade do método dentro de sua comunidade de usuários. O item 3.1 apresenta um breve histórico, que descreve as circunstâncias em que o método foi criado e a descrição de seus objetivos, indicadores de profundidade e idioma. Sua criação atendeu bem às necessidades demandadas. Por meio do *Conspectus*, as bibliotecas poderiam fazer uso de uma linguagem comum para descreverem suas coleções, atribuindo níveis de força a elas.

A utilização do *Conspectus* também trouxe a necessidade de as bibliotecas possuírem uma política de desenvolvimento de coleções formal, o que também corrobora o trabalho de cooperação entre as bibliotecas, prioridade esta proposta pela metodologia.

Uma vez que os elementos de uma política de desenvolvimento de coleções são a missão da biblioteca, o propósito da política e seu público alvo, o uso do *Conspectus* traz autoridade para que a política seja devidamente seguida e cumprida.

O *Conspectus* proporciona um conhecimento profundo da coleção existente e sua força e mostra aos bibliotecários, áreas que demandam mais atenção, mais recursos, para que sua qualidade melhore. Ele pode ser usado em diferentes tipos de bibliotecas, independente do país, língua, sistema de classificação ou porte.

Como descrito no item 3.4, as informações constantes no *Conspectus* preenchem as divisões das grandes áreas temáticas, suas categorias e assuntos. A avaliação então é feita em etapas onde também são atribuídos indicadores de profundidade e idioma, que foram detalhados no item 3.5.

Como analisado na literatura no item 3.6, o *Conspectus* recebeu várias críticas, tanto positivas como negativas, envolvendo diferentes áreas. No entanto, vale lembrar que, mesmo havendo grande número de artigos e trabalhos com críticas a respeito do método, ele continua

sendo implantado e utilizado ao redor do mundo. Há também um número grande de artigos e trabalhos que ressaltam as características positivas e benefícios da utilização do *Conspectus*.

Levando em consideração as críticas feitas ao método como instrumento de planejamento, pode-se afirmar que o *Conspectus* gera dados que permitem aos bibliotecários terem um conhecimento profundo do acervo que gerenciam. Desse modo, eles podem direcionar os recursos de maneira mais eficiente para áreas que demandam aperfeiçoamento, melhorando, assim, a qualidade da coleção. O *Conspectus* se torna uma ferramenta muito valiosa, no processo de tomada de decisões. Não somente com relação ao investimento de recursos e seleção de novos materiais, como mencionado, mas também ao descarte de itens que não se adequam a missão e objetivos da instituição.

Uma das críticas mais frequentes ao método na literatura diz respeito ao seu caráter subjetivo e a incerteza que permeia os processos de tomada de decisão. A avaliação da coleção depende do julgamento e interpretação do profissional encarregado, de sua experiência e conhecimento. Como bem observado pelos autores March e Phillips (2004), a presença da incerteza leva as pessoas a busca de mais informações. Quanto mais informações, menor a incerteza e maior a confiança. É necessário ressaltar que a Biblioteconomia não é uma ciência exata e os dados coletados refletem essa característica. E a subjetividade dos resultados não desmerece a confiabilidade dos dados. Uma vez que a avaliação seja feita com responsabilidade e ética (que é o esperado), as chances de se gerar resultados inconsistentes, não confiáveis e “inflacionados” diminui drasticamente. O avaliador deve usar seu conhecimento e experiência de maneira ética para a interpretação dos dados, não se deixando influenciar por pressões políticas ou pessoais. Novamente, levando-se em consideração que a Biblioteconomia não é uma ciência exata, há evidências de que os números não são a essência da informação e as críticas feitas especialmente por David Henige (1987, 1992), destacadas no item 5, dizem que os resultados gerados pelo *Conspectus* não podem ser submetidos a testes estatísticos de validação, a não ser que não seja usada a forma de análise estatística frequentista, que lida com a informação objetiva. Há a vertente da Estatística que analisa a subjetividade, a Estatística Bayesiana, que, descrevendo em termos “leigos” e simples, analisa dados coletados “*a priori*” e os coletados no presente. Lembrando que o *Conspectus* permite uma comparação de avaliações feitas “*a priori*” (passadas) com dados colhidos no presente. Desse modo, dizer que os resultados do *Conspectus* não podem ser estatisticamente validados ou que não são confiáveis (tendo sido ética e responsabilmente colhidos) é uma afirmação falaciosa.

Ao se observar as críticas feitas aos profissionais, surgem indagações quanto ao nível de conhecimento, competência profissional, experiência e até mesmo com relação a questões éticas. Parece ser consenso entre os autores de que a formação pré-profissional, as atividades e serviços prestados por bibliotecários precisam melhorar. Problemas relacionados a pressão política e papéis conflituosos foram citados por mais de um autor. Foi levantada a questão de haver a possibilidade de o método ter resultados inflacionados devido a essa pressão, onde o bibliotecário apresenta resultados incondizentes para a obtenção de mais recursos, ou para manter uma certa imagem perante os outros profissionais e a instituição onde atua. Nesse sentido é necessário ressaltar a importância da responsabilidade e da ética, que não fazem parte apenas da realidade do exercício profissional dos bibliotecários, mas deve ser um pré-requisito para todas as profissões de todas as áreas. Muito tem se discutido a respeito de mudanças necessárias nos cursos de graduação de biblioteconomia. Uma das grandes preocupações tem sido a preparação do profissional para lidar com as mudanças tecnológicas que têm ocorrido e como lidar com os diferentes formatos de documentos, seu armazenamento seguro e o grande volume de informação que tem surgido com esse perfil a cada dia. De fato, o conhecimento estatístico adquirido na formação tem sua utilidade, mas na realidade ele é básico e, por vezes, insuficiente. Mas é importante observar novamente que a área da Biblioteconomia não faz parte das ciências exatas.

Quanto às regras e orientação de utilização da ferramenta, as críticas, em sua maioria, apresentaram cunho positivo, realçando o trabalho cooperativo, pois a avaliação é feita por uma equipe e não só por um único indivíduo. As decisões tomadas também são feitas em conjunto, para que a subjetividade e a falta de confiança sejam diminuídas. Os dados são armazenados num banco de dados o que facilita o acesso e compartilhamento das informações quando é necessário o trabalho cooperativo entre bibliotecas. É importante perceber que as dúvidas que porventura surjam no decorrer do processo, podem ser resolvidas consultando-se o manual e que, em caso de haver alguma inconsistência, os dados colhidos podem ser checados, corrigidos e replicados. Foi aconselhado checar o *Conspectus* com cuidado e responsabilidade antes de usá-lo e o processo deve ser coordenado por um profissional experiente.

As afirmações de Hanger (1994) e Herson (1992) sobre os indicadores não serem de fácil interpretação ou que a diferença entre eles não é clara, não parecem ser sólidas. A experiência e o conhecimento dos profissionais que lidam com a avaliação, certamente é um ponto chave para a distinção e para garantir que a avaliação seja feita corretamente.

A lista de benefícios decorrentes do uso do *Conspectus* é muito maior do que a de possíveis problemas. O maior benefício e o mais claro é o conhecimento do acervo. Ter consciência da força da coleção, seus pontos fortes e fracos, faz toda a diferença no seu gerenciamento e na qualidade dos serviços prestados pela instituição. Os profissionais possuem mais confiança, pois possuem dados “documentados” e informação consistente para qualquer ação que seja necessária. O foco é a coleção e o seu desenvolvimento com qualidade. O *Conspectus* tem mostrado ser uma ferramenta eficiente para tal, em muitas bibliotecas ao redor do mundo. Ele garante que a coleção seja adequada à missão da biblioteca, permite identificar necessidades e se adaptar a mudanças, caso sejam necessárias. Além disso, identifica forças e fraquezas, permitindo que tais fraquezas sejam devidamente tratadas. Dá orientação para o procedimento de descarte. Pode servir como “relatório” e base documental para financiadores, ajuda na tomada de decisão com relação a orçamentos, gestão de recursos e planejamento futuro. Tem sua utilidade até mesmo para determinar o espaço a ser utilizado pela coleção. Apenas a predisposição em se fazer a avaliação da coleção através do *Conspectus*, já se constitui em um primeiro passo para a cooperação entre as bibliotecas. Independentemente das motivações, é inegável que o uso da metodologia *Conspectus* traz inúmeros benefícios e suas vantagens se mostram mais favoráveis que as possíveis desvantagens. Como qualquer ferramenta, deve ser usada de modo consciente e responsável, dando prioridade ao compromisso com os usuários da biblioteca, que são o motivo maior de sua existência. O acesso à coleção é o foco e não a sua posse. Cada unidade informacional que o utiliza deve estar atenta para possíveis adaptações de acordo com a nação onde se encontra.

Sendo uma metodologia relativamente recente, o *Conspectus* deve continuar sendo analisado para que sejam feitos os devidos ajustes, visando seu aperfeiçoamento. Como o método foi recentemente implantado no Brasil, novos estudos podem ser feitos identificando se, alguma instituição que o utiliza, já se deparou com alguma inconsistência ou falha atribuída pela literatura internacional e qual o nível de aceitação dos usuários brasileiros. Assim, pode-se contribuir para que as bibliotecas e bibliotecários prestem cada vez mais serviços com excelência.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, G.G. A case against Conspectus. **The Australian Library Journal**, [Austrália], v.38, n.3, ago. 1989. Periodicals Archive Online pg. 211-216.
- ATKINSON, Ross. In defense of relativism. **The Journal of Academic Librarianship**. v. 17, n. 6, p. 353,354, jan. 1992.
- BIBLARZ, Dora; *et al.* **Guidelines for collection development policy using the Conspectus model**. IFLA, 2001. Disponível em: <<http://www.ifla.org/VII/s14>>. Acesso em: 18 abr. 2018.
- BLAKE, Virgil L. P.; TJOUMAS, Renee. The conspectus approach to collection evaluation: panacea or false prophet? **Collection Management**, v. 18, 1994. The Haworth Press p. 1-31.
- BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. Diário da Justiça Eletrônico. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/servicos-judiciais/publicacoes-oficiais/diario-da-justica-eletronico/diario-da-justica-eletronico-1>>. Acesso em: 14 set. 2018.
- BUSHING, Mary C. **The evolution of Conspectus practice in libraries: the beginnings and the present applications**. 2001. 7p. Disponível em: <<http://klement.nkp.cz/Caslin/caslin01/sbornik/conspectus.html>>. Acesso em: 14 maio 2018.
- _____. **Collection Mapping & Conspectus**. Helsinki, 2006. Disponível em: <http://www.varastokirjasto.fi/kokoelmakartta/julkaisut/esitelmat/Mary_Bushing_Conspectus.pdf>. Acesso em: 14 maio 2018.
- CARIBÉ, Rita de cássia do Vale Caribé. Conspectus: um método para o gerenciamento de coleções em bibliotecas. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v.12, n.1, p. 39-60, jan/abr. 2014. ISSN 1678-765X. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci>>. Acesso em: 18 abr. 2018.
- DAVIS, Donald G.; SAUNDERS, E. Stewart. Decision making and uncertainty. **The Journal of Academic Librarianship**, v. 17, n. 6, p. 356, 357, jan. 1992.
- FERGUSON, Anthony W. Philosophical arguments and real shortcomings. **The Journal of Academic Librarianship**. v. 17, n. 6, p. 350, 351, jan. 1992.
- FERGUSON, Anthony W.; GRANT, Joan; RUTSTEIN, Joel S. The RLG Conspectus: its uses and benefits. **College & Research Libraries**. American Library Association. p. 197-206, maio, 1988. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=The+RLG+Conspectus%3A+Its+benefits+and+uses&btnG=>>. Acesso em 20 nov. 2018.
- GAMERMAN, Dani; MIGON, Helio. **Statistical inference: an integrated approach**. Arnold, London, 1999.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Atlas, São Paulo, 2012.

HENIGE, David. Epistemological dead end and ergonomic disaster? The North American collections inventory project. **The Journal of Academic Librarianship**. v. 13, n. 4, p. 209-213, set. 1987.

_____. Waiting for the great pumpkin? On the whereabouts of justification in library research: a symposium. **The Journal of Academic Librarianship**. v. 17, n. 6, p. 348-350, jan. 1992.

HERNON, Peter. Management or research data? **The Journal of Academic Librarianship**. v. 17, n. 6, p. 354, 355, jan. 1992.

JAKUBS, Deborah. Qualitative collection analysis: the conspectus methodology. **Systems and Procedures Exchange Center**. n. 151, p. 7,8, fev. 1989.

JANES, Joseph W. On rigor. **The Journal of Academic Librarianship**. v. 17, n. 6, p. 351, 352, jan. 1992.

LIBRARY OF CONGRESS (Estados Unidos). **Collecting levels**. [201-]. Disponível em: <<https://www.loc.gov/acq/devpol/cpc.html>>. Acesso em: 8 jun. 2018.

MERRIAM-WEBSTER DICTIONARY ONLINE. 2018. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/>>. Acesso em: 1 set. 2018.

MUNROE, Mary H.; STEEG, Jeannie E. Ver. The decision-making process in conspectus evaluation of collections: the quest for certainty. **The Library Quarterly**, v.74, n.2, p. 181-205, abr. 2004.

ONLINE COMPUTER LIBRARY CENTER. **Creating the Conspectus**. Disponível em: <<https://www.oclc.org/research/activities/conspectus.html>>. Acesso em: 8 jun. 2018.

_____. **WorldCat collection analysis user guide**. 2.ed. 2007. 154p. Disponível em: <<http://www.oclc.org/support/documentation/collectionanalysis/using/>>. Acesso em: 5 maio 2007.

SCHMIDT, Janine. Developing a library collection today: revisiting “Collection evaluation, the Conspectus and chimeras in library cooperation”. **Australian Academic & Research Libraries**, 2016, v.47, n.4, p. 190-195. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/00048623.2016.1250598>>. Acesso em: 6 jun. 2018.

SCHMIDT, Nancy J. Research without theory: data collection as an end in itself. **The Journal of Academic Librarianship**. v. 17, n. 6, p. 357,358. jan. 1992.

WLN/RLG Conspectus Software. **Information Today**, v.10, n.3, p. 28, mar. 1993.

WOOD, Richard J. The conspectus: a collection analysis and development success. **Library Acquisitions: Practice & Theory**. v. 20, n. 4, p. 429-453. 1996.

ANEXO

ANEXO A – As 32 divisões temáticas do *Conspectus* são:

Divisão	Prefixo LC	Prefixo Dewey
AGRICULTURA	AGR	AGD
ANTROPOLOGIA	ANT	AND
ARTE & ARQUITETURA	ART	ARD
ARTES CÊNICAS	PER	PED
BIBLIOTECONOMIA (LIBRARY SCIENCE), GENERALIDADES E REFERÊNCIA	LIS	DLS
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	BIO	BID
CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO	COM	CSD
CIÊNCIAS FÍSICAS	PHY	PUD
CIÊNCIAS PRÉ-CLÍNICAS		
CIÊNCIAS POLÍTICAS	POL	POD
COMÉRCIO & ECONOMIA	ECO	BUD
DIREITO (LEGISLAÇÃO)	LAW	DLA
DOCUMENTOS DO GOVERNO		
DOENÇAS TRANSMISSÍVEIS E MISCELÂNIAS		
EDUCAÇÃO	EDU	EDD
EDUCAÇÃO FÍSICA & RECREAÇÃO	PHR	DPH
ENGENHARIA & TECNOLOGIA	TEC	END
FILOSOFIA & RELIGIÃO	PAR	PHD
GEOGRAFIA & CIÊNCIAS DA TERRA	GEO	GED
HISTÓRIA & CIÊNCIAS AUXILIARES	HIS	HID
INSTALAÇÕES DE SAÚDE, ENFERMAGEM E HISTÓRIA		
LÍNGUA, LINGUÍSTICA & LITERATURA	LLL	LAD
MATEMÁTICA	MAT	MAD
MEDICINA	MED	DME
MEDICINA POR SISTEMA DO CORPO HUMANO		
MEDICINA POR DISCIPLINA		
MÚSICA	MUS	MUD
PSICOLOGIA	PSY	PSD
QUÍMICA	CHE	CHD
SAÚDE OCUPACIONAL E SAÚDE PÚBLICA		
SOCIOLOGIA	SOC	SOD
CLASSIFICAÇÕES DESCONHECIDAS		

Fonte: Caribé, 2014.

ANEXO B – Exemplo de utilização do *Conspectus* pela biblioteca Professor Alysso Darowish Mitraud do Tribunal Superior Eleitoral. Extraído do site do TSE (Diário da Justiça Eletrônico, Ano 2012, Número 131, p. 12-14).

CONSPECTUS

Níveis de abrangência dos temas de interesse da BIBLIOTECA DO TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Nesta sinopse, apresentam-se as áreas de conhecimento, com seu esquema de classificação correspondente e suas respectivas abrangências. Os sistemas de classificação adotados pela Biblioteca do TSE são a Classificação Decimal de Direito, de Doris de Queiroz Carvalho, para a área de Direito e a Dewey Decimal Classification para as demais áreas.

ÁREA NUCLEAR

Temas de interesse preponderante para as atividades do Tribunal. Compreende os níveis 5 e 4 da abrangência temática.

Código	Área	Abrangências			
		Temática	Idiomática	Cronológica	Geográfica
004 – 006	Processamento de dados. Ciência da computação.	4	2	1	0
320	Ciência política	4	3	5	5
341.2	Direito constitucional	4	2	5	2
341.28	Direito eleitoral	5	3	5	5
341.29	Direito partidário	5	3	5	5
351 – 354	Administração pública	4	1	2	1
469	Língua portuguesa	4	1	2	4

ÁREA AUXILIAR

Tópicos auxiliares para a compreensão dos assuntos nucleares da coleção. Compreende o nível 3 da abrangência temática.

Código	Área	Abrangências			
		Temática	Idiomática	Cronológica	Geográfica
003	Sistemas	3	2	2	0
020	Biblioteconomia e ciência da informação	3	2	3	0
069	Museologia	3	2	3	0
070	Jornalismo	3	2	1	0
150	Psicologia	3	2	2	0
170	Ética	3	2	2	0
341.3	Direito administrativo	3	1	2	1
341.4	Direito processual	3	1	2	1
341.6	Direito previdenciário	3	1	2	1
341.88	Direito aplicado à telecomunicação	3	1	2	2
342.27	Direitos intelectuais. Propriedade de programas de computador.	3	1	2	2
342.28	Direito autoral	3	1	2	2
342.6	Direito do trabalho	3	1	2	1
370	Educação	3	2	2	2
394.4	Cerimonial oficial	3	2	2	2
400	Língua	3	3	2	5
401.4	Linguagem e comunicação	3	2	2	2
610	Medicina e saúde	3	2	2	2
620	Engenharia	3	2	2	2

650	Administração	3	2	2	1
651	Serviços de escritório	3	2	2	1
651.5	Arquivística e arquivologia	3	2	3	2
652	Processos de comunicação escrita	3	1	2	1
657	Contabilidade	3	1	2	1
658	Administração geral	3	2	2	1
658.1	Organização e finanças	3	1	2	1
658.2	Gestão de prédios e equipamentos	3	2	2	0
658.3	Gestão de pessoas	3	2	2	2
658.4	Gestão executiva	3	2	2	2
658.5	Gestão da produção	3	2	2	2
658.7	Gestão de materiais	3	2	2	2
659	Publicidade e relações públicas	3	2	2	2
686	Impressão, editoração e reprografia	3	2	2	2
690	Construção	3	2	2	2
720	Arquitetura	3	2	2	2
760	Artes gráficas. Gravuras.	3	2	2	2
770	Fotografia. Arte digital	3	2	2	2
981	História do Brasil	3	4	4	1

ÁREA ACESSÓRIA

Assuntos que apresentam interesse eventual às atividades do TSE e ao escopo da Biblioteca.
Compreende os níveis 2 e 1 da abrangência temática.

Código	Área	Abrangências			
		Temática	Idiomática	Cronológica	Geográfica
001	Conhecimento	2	2	2	0
002	Livro	2	2	2	0
100	Filosofia	1	1	2	0
140	Escolas e posições filosóficas específicas	1	1	2	0
160	Lógica	1	1	2	0
180	Filosofia antiga, medieval e oriental	1	1	2	0
190	Filosofia ocidental moderna	1	1	2	0
300 – 307	Sociologia e antropologia	2	2	2	0
330	Economia	2	1	2	2
341.1	Direito internacional público	2	2	3	2
341.5	Direito penal	2	1	2	1
341.7	Direito militar	1	1	2	1
341.8	Direito aéreo	1	1	2	1
342.1	Direito civil	2	1	2	1
342.2	Direito comercial	2	1	2	1
342.3	Direito internacional privado	2	2	2	2
342.5	Direito do consumidor	1	1	2	1
342.68	Direito processual do trabalho	1	1	2	1
344	Direito romano	1	2	2	2
360	Serviço social e assistência social	1	2	2	1
383	Comunicação postal	2	1	2	1
385 – 388	Transportes	1	1	2	2
389	Metrologia e padronização	2	1	2	2
390	Usos e costumes	1	1	2	2
391	Traje e aparência pessoal	1	1	2	2
395	Etiqueta	1	1	2	2
398	Folclore	1	2	2	2
410	Linguística	1	2	2	2
418.02	Técnicas de tradução	2	2	2	2
418.4	Leitura	2	2	2	2
419	Língua de sinais	1	1	2	1
420	Língua inglesa	1	4	2	6

430	Língua alemã	1	4	2	6
440	Língua francesa	1	4	2	6
450	Língua italiana	1	4	2	6
460	Língua espanhola	1	4	2	3
470	Língua latina	1	4	2	0
480	Língua grega	1	4	2	0
498	Línguas nativas da América do Sul	1	4	2	3
510	Matemática	2	1	2	0
570	Biologia	1	1	2	0
640	Administração do lar e familiar	1	1	2	2
653	Taquigrafia	2	1	2	2
658.8	Gestão de marketing	2	2	2	2
700	Artes	1	1	2	2
710	Urbanismo e paisagismo	2	2	2	2
730	Artes plásticas	1	1	2	2
740	Desenho e artes decorativas	1	1	2	2
750	Pintura	1	1	2	2
780	Música	1	1	2	2
790	Recreação. Diversões. Jogos. Esportes.	1	1	2	2
800	Literatura	2	4	2	5
910	Geografia	2	1	2	5
920	Biografia	1	2	2	5
930	História do mundo antigo	1	1	2	5
940	História geral da Europa	1	1	2	5
950	História geral da Ásia	1	1	2	5
960	História geral da África	1	1	2	5
970	História geral da América do Norte	1	1	2	5
980	História geral da América do Sul	1	1	2	5
990	História geral de outras partes do mundo	1	1	2	5

ASSUNTOS FORA DO ESCOPO DA BIBLIOTECA

Assuntos que não apresentam interesse às atividades do TSE. Compreende o nível 0 da abrangência temática.

Código	Área
130	Parapsicologia e ocultismo
200	Religião
343	Direito canônico e eclesiástico
355 – 359	Ciência militar
381	Comércio
382	Comércio internacional
520	Astronomia
530	Física
540	Química
550	Ciências da terra
560	Paleontologia
580	Botânica
590	Zoologia
630	Agricultura
660	Engenharia química
670	Indústria
680 – 685	Indústria para usos específicos